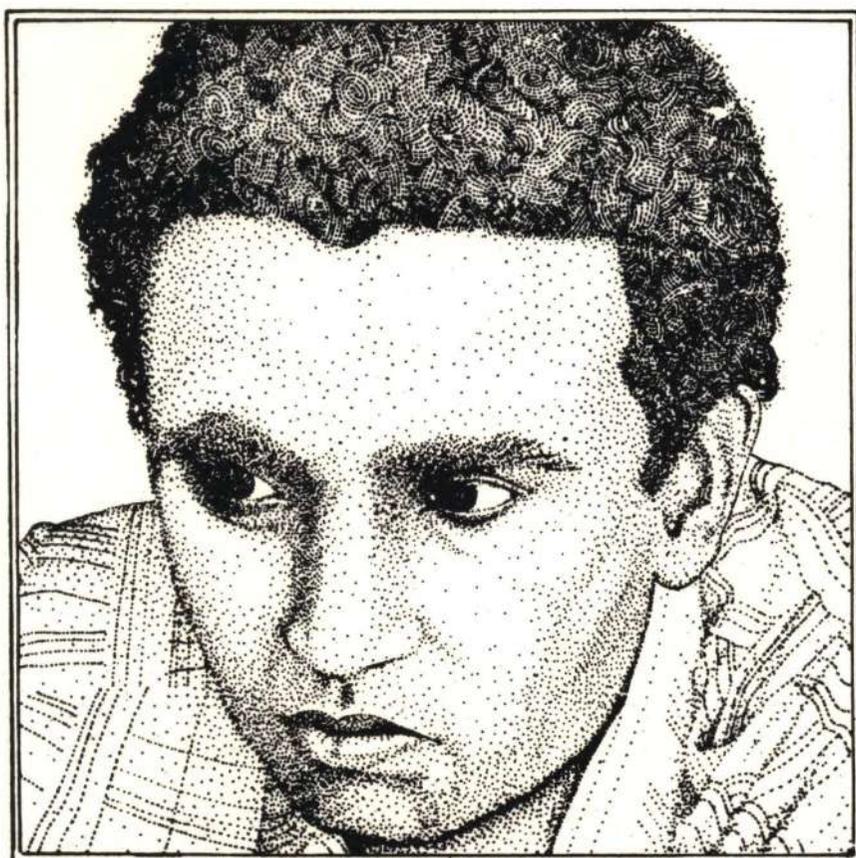


**COMPANHEIRO SANTO,
VOCÊ ESTÁ PRESENTE!**



proposta 22

fase -comitê santo dias

PROPOSTA

SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO POPULAR

Maio/84 - Nº 22

Editorial-----	2
Apresentação-----	3
Santo Dias da Silva-----	4
A Vida no Campo-----	5
A Cidade São Paulo-----	6
Santo e a participação na Comunidade-----	11
História da Greve-----	19
Eles queriam sumir com o corpo-----	21
Manifestações após o assassinato-----	24
O povo continua a luta-----	32
Nasce o Comitê Santo Dias da Silva-----	34
Julgamento-----	36
Praça Santo Dias da Silva-----	38
Santo e os Filhos-----	39
Santo e os Amigos-----	39
Santo e Ana-----	42
Santo e a Luta das Mulheres-----	44
Não estamos sozinhos-----	46
Comitê Santo Dias da Silva-----	49
Mensagens-----	50

PROPOSTA - Publicação de circulação interna da FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional e, para este numero, em convênio com o Comitê Santo Dias da Silva.

Coordenador Nacional: Jorge Eduardo Saavedra

Projeto Gráfico e Ilustrações: Alberto López Mejía

EDITORIAL

A FASE, através de seu Programa de Publicações e de sua Equipe de São Paulo, procurou desenvolver uma nova linha editorial da revista PROPOSTA, e iniciar um importante trabalho de Educação Popular, tomando como base a história do companheiro Santo Dias da Silva e a luta do COMITÊ SANTO DIAS DA SILVA.

Esta revista apresenta os momentos vividos por Santo Dias e a trajetória do Comitê como uma expressão da luta popular no Brasil, onde estão registrados inúmeros aspectos, questões e posicionamentos vividos pelo Movimento Popular.

Este trabalho requereu muitos esforços e recursos financeiros, e sua importância, tanto referente ao seu resultado, quanto à sua realização, não terminou. A FASE e o COMITÊ SANTO DIAS DA SILVA continuam na luta pela libertação dos povos.

Registro da Divisão de Censura de Divisões Públicas do DPF
nº 2.224 - P. 209/73

Apresentação:

Este caderno é o resultado de um trabalho realizado pelo Comitê Santo Dias da Silva e pela FASE - Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional.

Conhecer a história do lavrador e operário Santo Dias da Silva requer um esforço muito grande. Assim sendo, esta revista representa um momento, um passo dado por um conjunto de pessoas movidas pelo mesmo ideal: Lutar pela Justiça e pela Paz Resgatando a história de um homem que morreu por estas idéias.

Os episódios deste livreto, são o fruto de um trabalho a partir da coleta de uma série de depoimentos, jornais, revistas, discos, etc., que compõem este escrito.

São palavras de companheiras e companheiros, amigos do Santo, que criaram a partir de seu assassinato:

O COMITÊ SANTO DIAS DA SILVA - Que luta pela Justiça

"As coisas boas demoram a ser escritas mas a melhor coisa para aprender é conviver com a luta do povo.

Porque vocês aprendem no livro, mas o melhor feito é o vivido com o povo, é sofrer com o povo, é morar no meio do povo.

Nasci em Santa Margarida,
A comunidade do Santo." (Cenerino)

São Paulo
Zona Sul
Santo Amaro
Largo do Socorro
Vila Remo
Jardim Santa Margarida
Centro Comunitário Santo Dias da Silva
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Dedicamos esta PROPOSTA a todos aqueles que morreram e estão morrendo na luta pela libertação do povo brasileiro.

"EU VENHO DA LAVOURA; EU E MINHA FAMÍLIA, TRABALHÁVAMOS NA AGRICULTURA; SOU DO MUNICÍPIO DE TERRA ROXA, ONDE FIQUEI ATÉ APROXIMADAMENTE VINTE ANOS. A GENTE TRABALHAVA NA TERRA DOS OUTROS, NÃO TINHA LUGAR FIXO DE MORADIA." (Santo)

NOME: SANTO DIAS DA SILVA

Nascido no interior do Estado de São Paulo, em 22/02/42.

Assassinado em São Paulo, pela polícia militar, durante a greve dos metalúrgicos, em 30/10/79.

Profissão: - Filho de lavrador, meeiro, colono (Terra Roxa).

- Lavrador, colono, diarista (Terra Roxa).

- Tratorista (Terra Roxa), bôia-fria (Viradouro)

- Expulso junto com a família das terras onde era colono, por exigir registro de carteira profissional de acordo com a lei para o trabalhador rural. (1961)

- Metalúrgico, Motorista de empilhadeira, na Metal Leve, Santo Amaro, São Paulo. (1962)

- Trabalhou dez anos nessa empresa, de onde saiu porque não permitiram que ele mudasse de cargo.

- Trabalhou na Bristan, onde foi mandado embora por participar da Campanha Salarial de 70 a 1973.

- Trabalhou na Burdy, onde foi mandado embora por reivindicar o adicional de horas extras de forma coletiva. (1973 a 1976)

- Em 1976, foi mandado embora da MWM por desenvolver uma atividade sindical muito forte, articulava o movimento tanto fora, como dentro da fábrica, participando da formação da Comissão de trabalhadores daquela fábrica.

- Volta a trabalhar na Metal Leve, de 1977 a 1978, como inspetor de qualidade e é mandado embora por participar como candidato a vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da cidade de São Paulo e na chapa de oposição.

- Trabalha na ALFA onde atua numa greve por falta de pagamento, que é conseguido tempo depois. Lidera a greve contra um diretor da empresa que mata um operário e é mandado embora.

- Em janeiro de 1979 trabalhava na Filtros Mann, como inspetor de qualidade, quando foi assassinado, durante a greve dos metalúrgicos em frente à Fábrica Sylvânia.

"Para mim, o Santo morreu porque tinha um compromisso de classe, e isto incomodava os exploradores e dominadores. Uma revista nesse sentido, eu dedicaria a toda classe operária, e se eu tivesse que dedicar, dedicaria aos meus filhos."

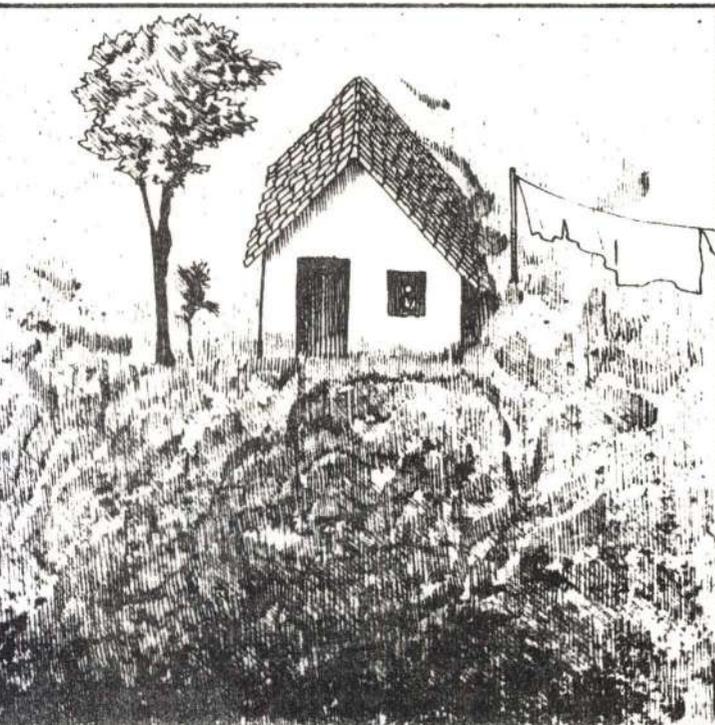
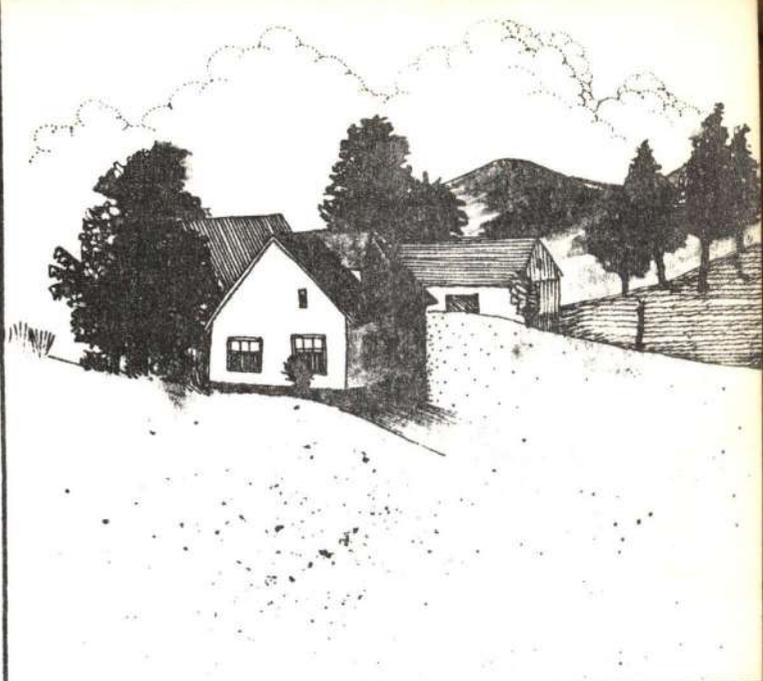
(Sebastião - Vila Remo)

A VIDA NO CAMPO ELE É DO POVO, DOS SEUS, DA TERRA.

Santo Dias da Silva, nasceu em Terra Roxa, Fazenda Paraíso, no interior do Estado de São Paulo, em 22 de fevereiro de 1942.

ANTES DA ESCOLA ELE JÁ TRABALHAVA NA ROÇA. AOS SETE ANOS, QUANDO ESTUDAVA DAS SETE AO MEIO DIA, VOLTAVA DA AULA E TINHA QUE AJUDAR O PAI, PLANTANDO ARROZ, FEIJÃO, LAVOURA.

SUA FAMÍLIA CULTIVAVA A TERRA COMO COLONOS DE GRANDES PROPRIETÁRIOS RURAIS.



"Porque na época que ele saiu da fazenda ele discordou do patrão, porque o patrão queria que ele assinasse uma lei pra ficar na lei velha e o pessoal tava tudo sem registro, né?"

É foi decretada uma lei que todos os trabalhadores rurais teriam que ter um registro a partir daquela data. O Santo não concordou de ficar sem registro. Que o patrão queria que todos continuassem sem registro, como era antes, né? Que era muito mais fácil para ele. O Santo e os trabalhadores se reuniram e falaram que "NÃO VAMOS CONCORDAR COM ESSA EXIGÊNCIA DO PATRÃO."

(Ana - viúva do operário Santo Dias)

"A última fazenda que a gente "morou" a gente tocava a terra. O patrão dava a meia, meeiro, né? Ele dava o terreno. Então a gente plantou e tal cuidava e depois dava metade da produção.

... Então a gente tinha revolta, né? Porque trabalhava, trabalhava e chegava no fim não podia comprar nem um par de sapatos."

A revolta do pessoal da fazenda era nesse sentido e o Santo via as coisas."

(Sebastião - irmão do Santo)





"O CARA FAZENDEIRO, COMEÇOU A CRIAR BOI E DESATIVAR TODA A AGRICULTURA."

(Santo)

"Foi aí que fomos prã Viradouro. Então foi uma passagem muito chata da vida da gente. O Santo morou 3 a 4 meses. Ele não se adaptou, também ' porque trabalhar como bôia fria era a coisa mais dura que tinha. Era pior ainda do que trabalhar co mo antes. Então, ele achou por bem vir prã São Paulo."

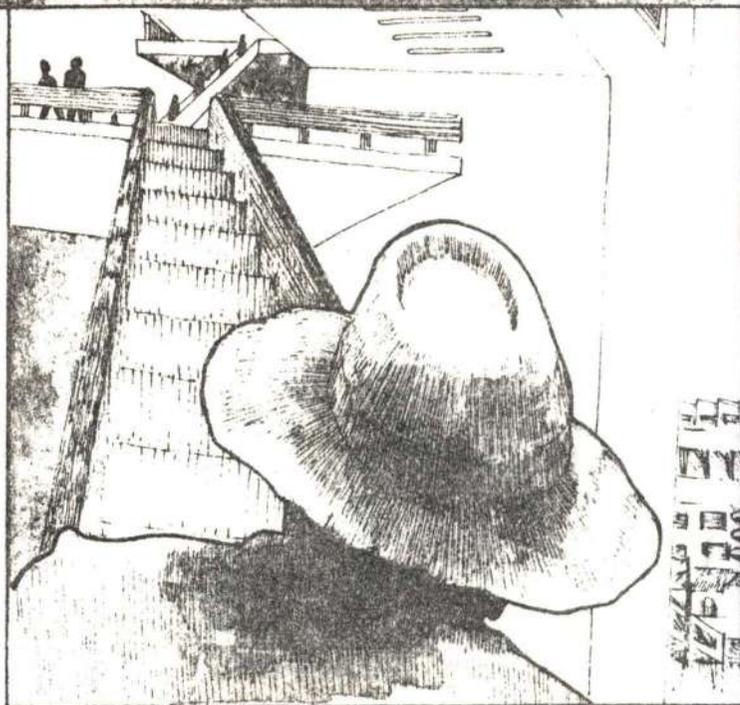
(Sebastião - irmão do Santo)

A CIDADE DE SÃO PAULO

"Mudei prã cã em 62. Foi uma das épocas em que tinha mais facilidade de emprego dado todo o desenvolvimento au tomobilístico que estava crescendo e pegava mão de obra, assim de qualquer jeito.

... Então foram 3 dias prã começar a organizar os documentos e começar a trabalhar. E aí, dentro da fãbrica, co mo nunca deixou de ser, a solicitação do trabalho da gente era um negócio exorbitante. Além das 8 horas de trabalho, a gente tinha que fazer 2, 3 horas a mais e trabalhar de fim de semana, sãbado e domingo.

... E dentro desse processo estava não só a gente, mas todos os companheiros que estavam ali a mais tempo. Era uma rotina. Entrei nessa rotina, dentro de um trabalho de indústria, como ajudante de fãbrica.



... Realmente o negócio era bravo, ATÉ HOJE TENHO ALGUMAS MARCAS DE QUEIMADA DO METAL QUENTE.

O movimento operário não estava parado. Em 62, inclusive foi quando ' cheguei, já tinha aqui, nas ruas greves e mobilizações, para reivindicações de salários, e nessas rei vindicações de salário, estava a reivindicação do décimo terceiro, que deu várias paralisações.

A gente participou dessas paralisações, embora sem muita clareza das coisas, mas a gente estava dentro do movimento e percebendo toda a si tuação como é que estava. Então, da greve de 62, a gente conseguiu par ticipar.

Mas entre 1962 e 1963, foi quando se efetivou, realmente, essa lei do dé

cimo terceiro salário. Foi uma greve bastante movimentada, e muitos líderes sindicais, dirigentes sindicais da época, foram todos presos, com exceção de alguns. Operário o comum também foi preso, vários.

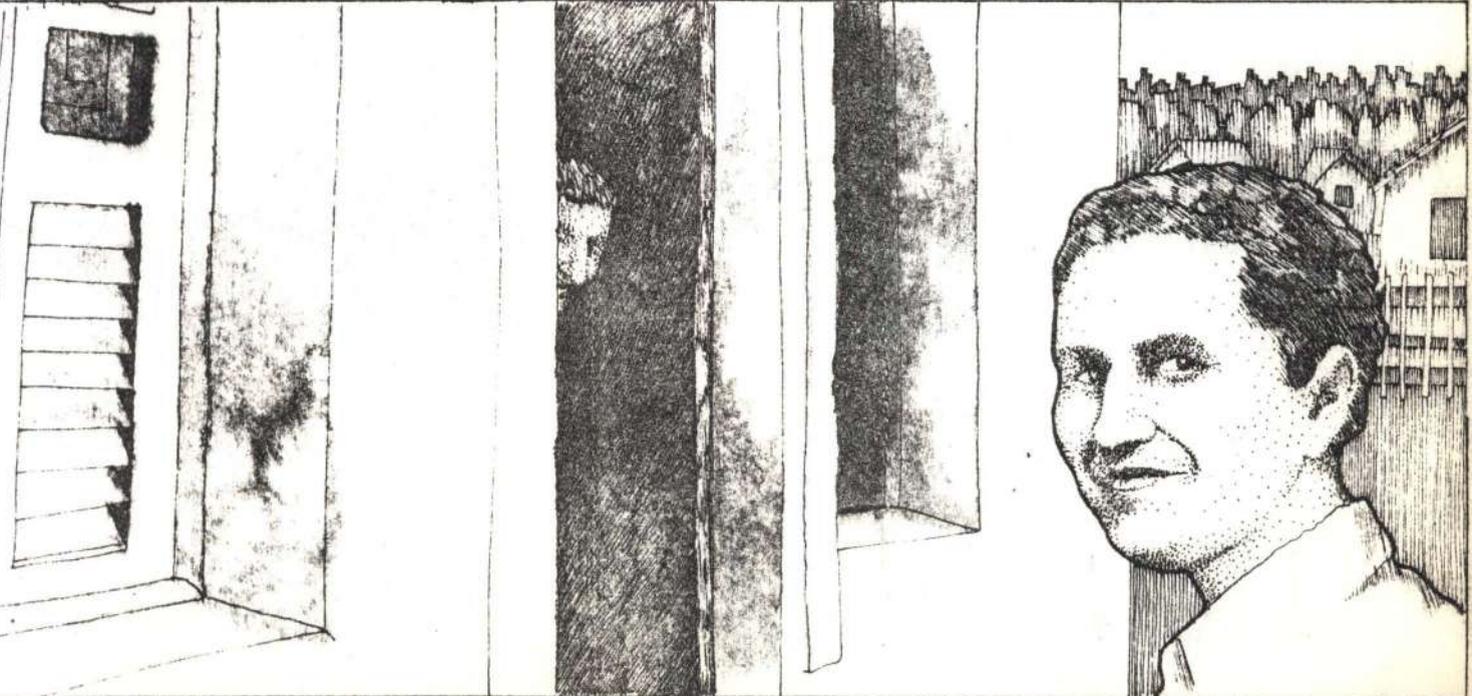
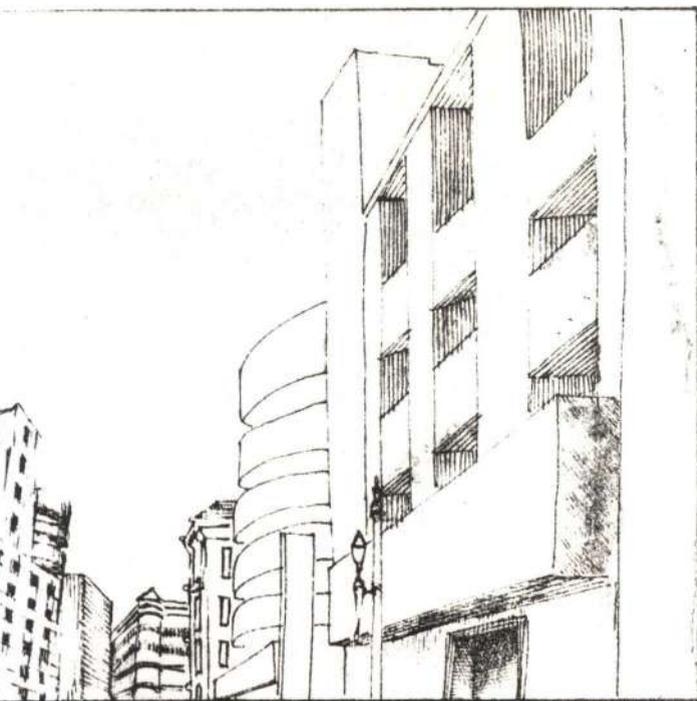
E nessa greve, a gente participou, quer dizer, participou da paralisação e participou correndo da polícia, porque realmente a polícia baixou o caceté. Eu lembro de alguns detalhes, por exemplo na Rua Brasília Luz, onde eu trabalhava, a polícia fechou a rua, e quem estava lá (o jeito era sair), saía na porrada e não tinha outra saída. Teve muita gente que conseguiu fugir por uma lagoa. Não era muito funda, mas dava pra passar e os cavalos da polícia não conseguiam, quer dizer chegavam na água e paravam. Então, muita gente escapou por aí e foram mui-

tos presos. Alguns tentando furar a greve, outros querendo realmente escapar, porque era caracterizado como grevista ou piqueteiro de greve (a greve até então era tirada na base de piquete). Essa greve foi uma das primeiras que eu participei, já como operário, na capital.

... Houve as intervenções e, a partir daí, o movimento sindical ganhou essa característica que tem hoje, quer dizer, um movimento sindical que está aí simplesmente para cumprir uma tarefa, que é a da manutenção desse regime. Então, a gente, como operário, só teve chance de participar desse sindicato, a partir do momento a ver que não tinha mais espaço. Quer dizer, a medida que houve as intervenções, a gente começou a se preocupar em ver um sindicato montado, mesmo através da fábrica, e, dentro desse processo, a gente conseguiu montar um grupo dentro do movimento operário, que se denominou "OPosição SINDICAL".

Eu, como vindo da lavoura e como elemento integrante do movimento operário na época (isso ocorreu mais ou menos em 1965) e atuando criticamente nesse movimento sindical, achei que essa proposta de montagem de uma Oposição Sindical era a mais correta. Então entrei nesse grupo e estou até hoje. Aí, embora dentro desse grupo de oposição sindical exista uma série de divergências, uma série de contradições, mas agora não preciso entrar em detalhes.

Então, passamos a fazer oposição a isso que está aí, que é a estrutura sindical e também aos dirigentes sindicais que estão aí como suporte.



Um dado específico disso, um exemplo, é o nosso Sindicato dos Metalúrgicos, onde realmente o dirigente é um elemento que é o ponto central dessa estrutura sindical." (SANTO)

Momentos difíceis. Grande parte das lideranças presas, e em 68, na Manifestação de lo. de maio, mais operários presos. Foi onde entrou o Santo e outros companheiros, para continuar a luta.

"Em 1968, quando a gente estava consolidando um trabalho e foi onde se deu aquela manifestação na Praça da Sé. Tinha ali uma possibilidade da gente, realmente, dar um salto qualitativo, mas, no entanto, a repressão ainda era a expressão maior na época. A gente não teve condições de passar, realmente, para a ofensiva, enquanto operário. Mas conseguimos um avanço, porque saímos da era mais crítica, que foi o tempo que a gente passou, realmente, se preparando mais, de 1965 a 1968.

A gente achava que em 1968, já era possível, mas não foi. Embora ocorressem sem alguns fatos que a gente pode considerar dentro da História, fatos interessantes, como o caso da greve de Osasco.

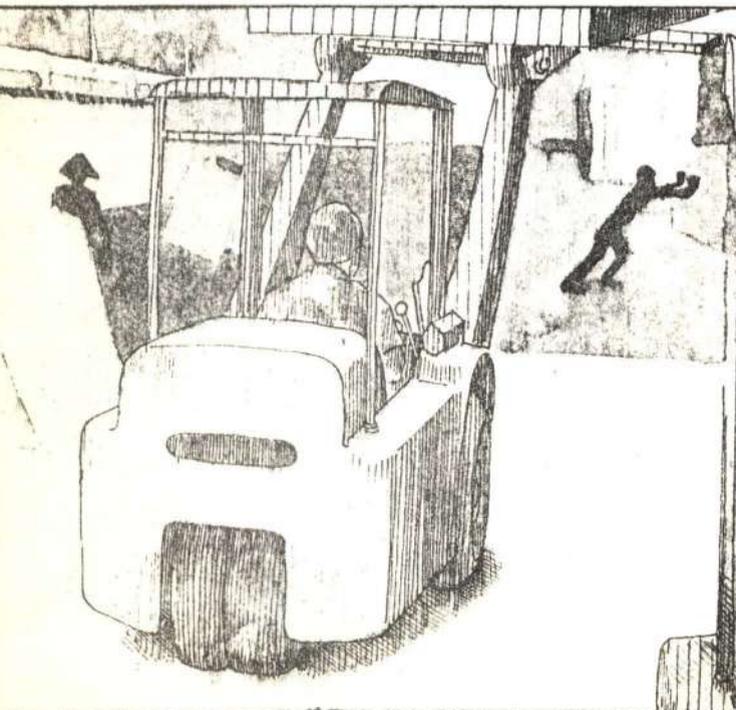
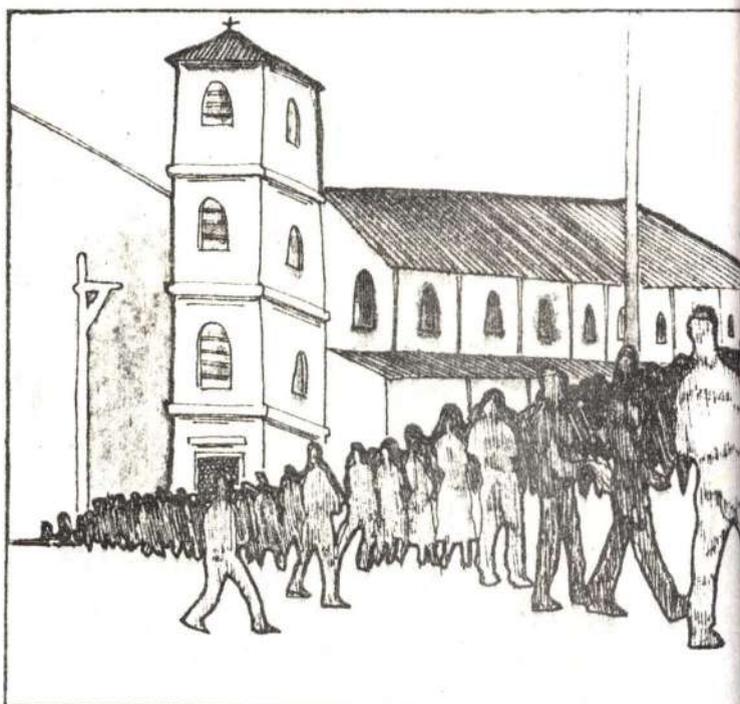
... Dessa manifestação do lo. de Maio de 1968 começamos, então, a rearticular em termos de oposição sindical. Em 1969 foi onde teve uma chapa de oposição sindical em que eu participei como elemento de apoio, dando cobertura para o pessoal lá na fábrica, convocando e divulgando a chapa de oposição.

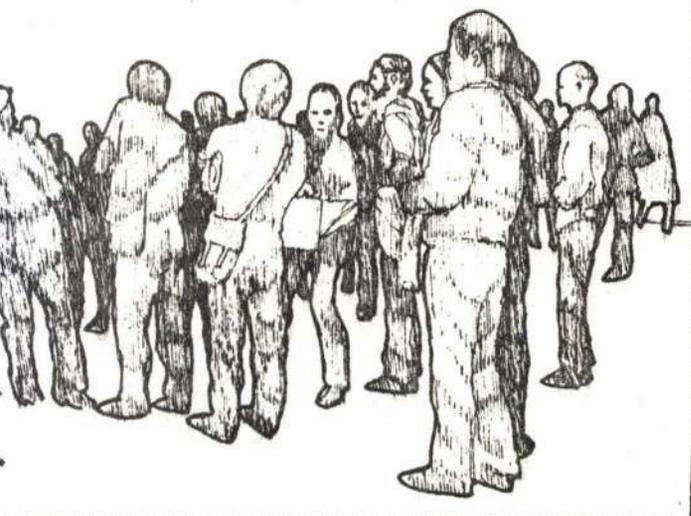
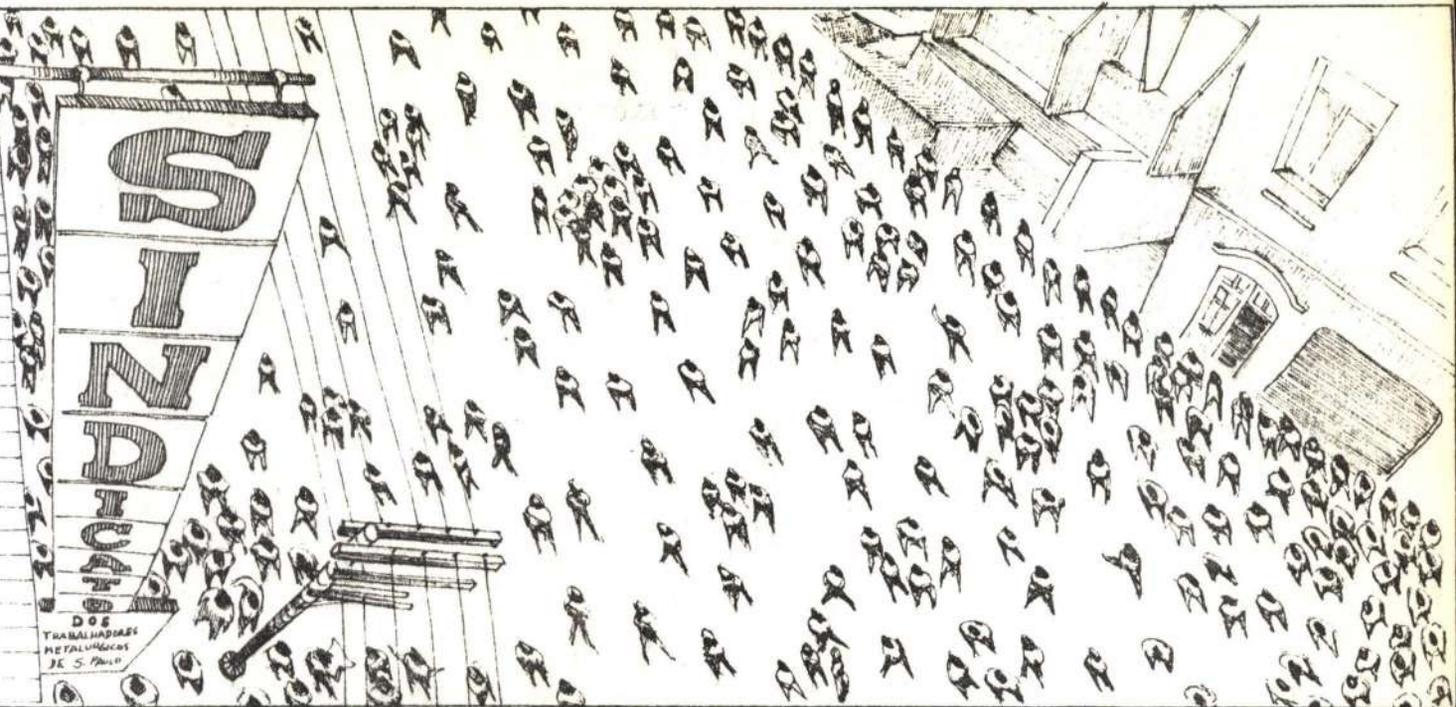
... Não conseguimos levar em 1969.

Não conseguimos ganhar as eleições. Em 1972, a gente se organizou outra vez, montamos outra chapa, não conseguimos, também dessa forma, porque a oposição ainda estava nesse processo de acanhamento.

... Então, a gente, em 1975, se deu conta (eu, participando desse grupo, desse processo de oposição sindical) QUE TINHA QUE MONTAR UMA NOVA FORMA DE TRABALHO, dada toda a repressão que a gente sofreu em 1974. Nesse espaço, entre 1968 e 1974, a coisa fechou tanto, que a gente não podia se posicionar como oposição sindical. Então, o que sobrou para a gente, foram algumas pastorais operárias e coisas do gênero, para poder ter uma atuação, ter mais liberdade.

... Em 1974 prenderam muitos companheiros, aqui em São Paulo. Na Zona





Sul, tivemos prisões de aproximadamente uns 45 companheiros, isso no conjunto. Então, quando ocorreram estas prisões, mutilou todo o trabalho da gente, quer dizer, realmente deu um breque, assim, em termos de organismo, porque o trabalho continuou, mas em termos de organização e força, chegou em 1975 e a gente não teve nem condições de montar uma chapa de Oposição para concorrer às eleições.

Porque estava tão desarticulada a coisa e tão prejudicada, que não deu para fazer isso."

(SANTO)

"Em 1975, pelo motivo da gente não ter conseguido montar uma chapa, esse nosso grupo se organizou de tal forma que A PALAVRA DE ORDEM ERA TRABA -

LHAR DENTRO DA FÁBRICA."

(SANTO)

"Em muitas fábricas eu e o Santo estivemos juntos, reunidos, ajudando a discutir os problemas daqueles companheiros, ajudando a organizar os companheiros. E um outro grande momento que nós estivemos juntos, eu e o Santo, foi com relação à greve dos companheiros da Villares, no ano de 1974."

ANTONIO FLORES)

"Nos metalúrgicos, naquela época, de certa forma tinha mais campo... participei com o Santo aí nas lutas... de ônibus, de escola, participamos em debates, lutas pra dar consciência pros trabalhadores, lo. de Maio, naquela época, a gente fazia inclusive até meio escondido, né?

(FERNANDO DO Ó)

"No período negro do Médici, nós tínhamos uma atividade em que a Oposição era respeitada dentro do Sindicato. Nós formamos um grupo de atividades sindicais integrado por mim, por Santo, Waldemar Rossi, Flores e mais uma série de sindicalistas. Tínhamos uma ação planejada dentro do sindicato, onde organizávamos nossa ação dentro do Sindicato, nas portas de fábricas, nas Assembléias, onde escalávamos os oradores."

(AURÉLIO PERES)

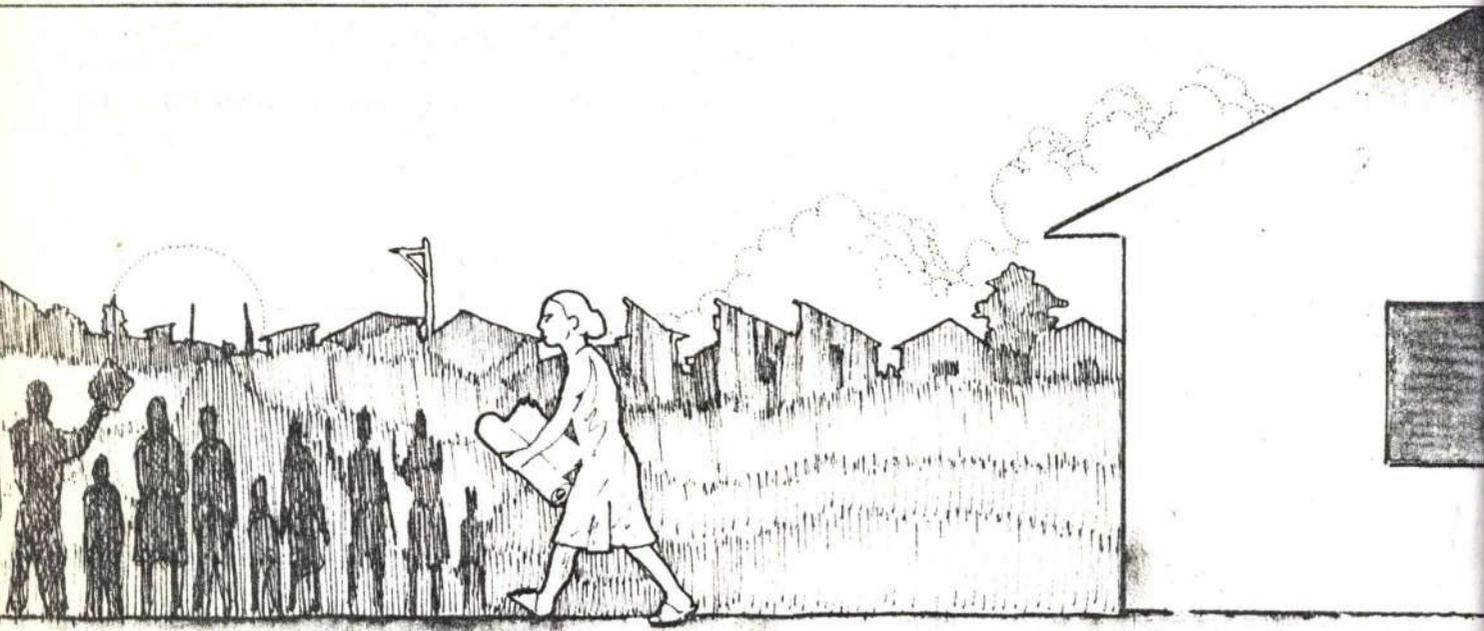
"Assim, chegou a época de 78, e a gente já estava com um grupo até mais consolidado, que já tinha participado mais efetivamente das campanhas salariais, com mais clareza das coisas, embora com alguma divergência entre as várias correntes que compõem o grupo.

Mas em 78 a gente conseguiu montar uma chapa de oposição sindical, onde vários companheiros articiparam, e nessa montagem de chapa, então, foi onde o movimento operário estava em ascensão. Quer dizer, começou a greve dos operários da Scânia, lá em São Bernardo do Campo, e essa greve se estendeu lá na área de Santo André, São Bernardo. À medida que ela se estendeu lá, ela chegou a área aqui em São Paulo e, dentro desse processo, a gente estava com várias campanhas das eleições.

Foi quando favoreceu muito o avanço da luta dos operários, aqui na área de São Paulo, especificamente, aqui na área da Região Sul, onde a gente chegou a ter reuniões diárias de várias fábricas, onde até então o

COM AS LUTAS TRAVADAS, CADA VEZ FICAVA MAIS CLARO QUE O SINDICATO PRECISA MUDAR. ENTÃO VEIO AS ELEIÇÕES. FOI UMA GRANDE LUTA DOS METALÚRGICOS. AS ELEIÇÕES DE 1978, FORAM FRAUDADAS DESCARADAMENTE. O PELEGUISMO SE IMPUNHA NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO PAULO, E CONTINUARIA COM O APOIO DO PRÓPRIO GOVERNO QUE VEIO NA PESSOA DO SECRETÁRIO DO TRABALHO, ARNALDO PIETRO DANDO POSSE AO JOAQUIM DOS SANTOS ANDRADE E O RESTO DA DIRETORIA.

A CHAPA 3 ENCABEÇADA POR ANÍSIO, E QUE TINHA NA VICE-PRESIDÊNCIA, SANTO DIAS DA SILVA, FICOU CONTENTE COM SUA LUTA. FOI NA CATEGORIA, AJUDOU A CRESCER A LUTA DA CLASSE OPERÁRIA E JÁ TINHA CLARO QUE AS FORÇAS INIMIGAS DOS TRABALHADORES ERAM E AINDA SÃO MUTTO FORTES.



peçoal não tinha passado por um processo de negociação e nem paralisação no geral. Quem tinha alguma experiência disso era, por exemplo, eu, que participei desse processo na Burdny do Brasil, e o pessoal tinha trabalhado na Villares, porque na Villares também houve um movimento de paralisação entre 73 e 74.

Então a gente era requisitado para fazer colocações a respeito das greves ou de como é que se dão as greves dentro da fábrica, para muitos, que até então não tinham claro como organizar a coisa, mesmo porque essa classe operária de 78 já não era mais aquela que estava aí em 1964 ou antes de 1964, que é quando se tinha várias experiências e as experiências maiores."

(SANTO)

NESSE PROCESSO TODO DE LUTA, AS PERSEGUIÇÕES AO SANTO ERAM CONSTANTES. PORQUE "À medida que a gente se posiciona diante de qualquer luta, a gente imediatamente é mandado embora". (SANTO)

QUANDO ENTROU NA FÁBRICA ALFA TEVE UMA OUTRA GRANDE LUTA, COMO ELE NOS CONTA.

"Houve a morte de um companheiro (Nelson Pereira de Jesus), inclusive uma morte assim que eu diria... um crime, para dizer mais claro. O companheiro foi reivindicar o pagamento das horas extras que não estava sendo efetuado. Então, o pa-

trão matou esse operário, e a gente fez uma manifestação e tiramos uma greve. Quer dizer, fizemos um trabalho imediato em três dias, em dois dias mo-

bilizamos a fábrica e fizemos uma greve. Essa greve durou 26 dias."

(SANTO)

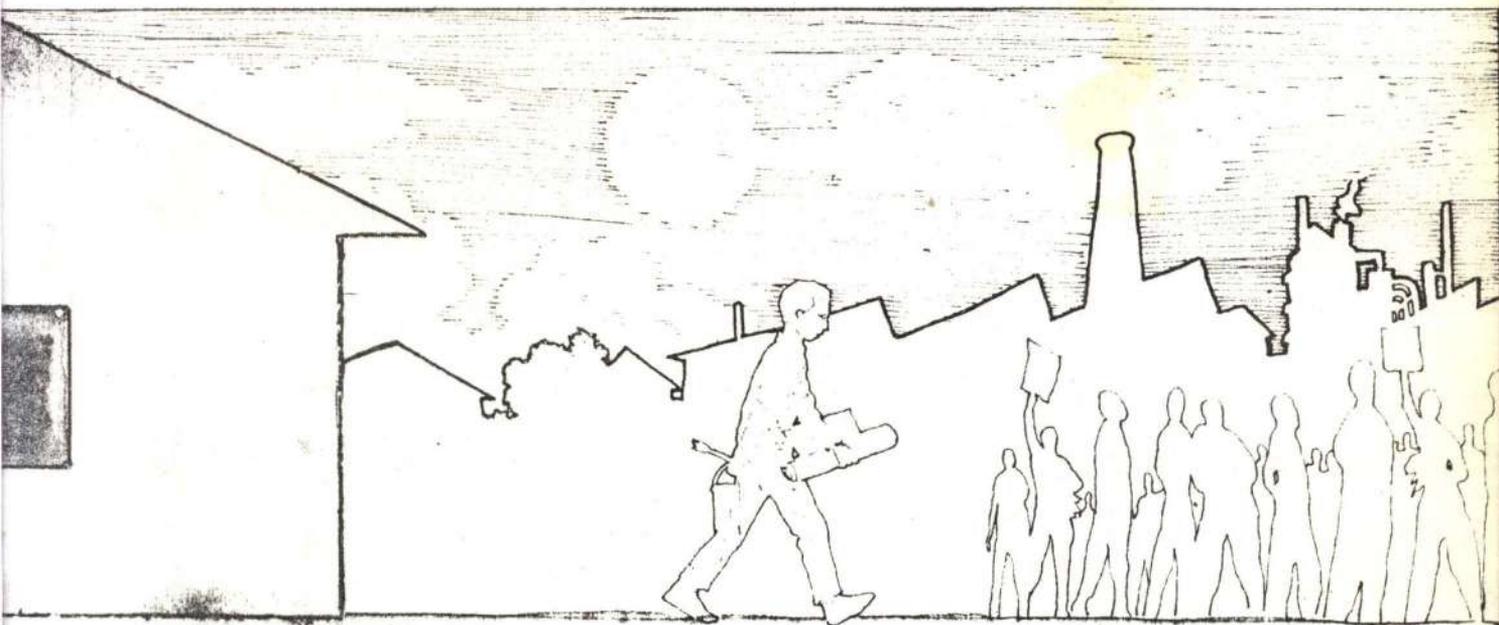
O OPERÁRIO NÉLSON PEREIRA DE JESUS, COMPANHEIRO DO SANTO NA MESMA FÁBRICA, FOI TAMBÉM ASSASSINADO, COMO TANTOS OUTROS OPERÁRIOS. POR QUE TRABALHADORES SÃO MORTOS POR REIVINDICAR PAGAMENTO DE HORAS EXTRAS?

Rendemos também nossa homenagem ao operário Néilson, do qual Santo era testemunha de defesa, e companheiro de luta e trabalho.

E SUA LUTA SURGE E CRESCE AO MESMO TEMPO TAMBÉM NA COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE DE STA. MARGARIDA.

e depois daí, não nos largamos mais... nós nos entendíamos... ele ia para o sindicato, eu ia também, aqui na comunidade o Santo participava de tudo que tinha, eu também estava sempre na comunidade.

O Santo era uma pessoa que se você procurasse ele na comunidade, apesar de uma luta aí fora, ele estava marcando nos encontros, nas missas, ele ia lá refletia o evangelho, e em cima do evangelho ele colocava toda a sua luta, então ele estava sempre na comunidade, ele nunca desligou a luta dele, assim ele ligou a luta da fé que ele tinha, que era o evangelho. Se tinha um encontro aqui, um



SANTO E A PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE

AO MESMO TEMPO QUE LUTAVA DENTRO DO MOVIMENTO OPERÁRIO, DEFENDENDO A CAUSA, SE ENTROSAVA CADA VEZ MAIS NO TRABALHO DA COMUNIDADE. ATUANTE, FIRME! NA LUTA DOS OPERÁRIOS, DOS BAIRROS DAS COMUNIDADES.

"Eu conheci assim, sabia que ele existia, que ele também fazia, mas eu fiquei conhecendo mais o Santo mesmo quando ele veio morar aqui em Sta. Margarida, quando ele começou a frequentar a comunidade, Santa Margarida, ele fazia parte da Legião de Maria, nós íamos nas casas e a partir daí que eu comecei a conhecer melhor o Santo

pessoal organizado, o Santo estava, se tinha um casamento de um companheiro, ele estava lá não dá prá explicar, eu não consigo entender como o Santo conseguia fazer isso." (CENERINO)

"Eu conheci o Santo em '68, quando estudava curso de Missão Conciliar... O pessoal pediu que eu fizesse uma exposição, uma palestra sobre Igreja nova, igreja no mundo de hoje, e foi uma palestra que a gente começou a analisar que salvação não era algo que acontecia depois da morte, que era algo que deveria acontecer agora. Nesse curso foram levantados todos os problemas do bairro e a forma da gente se organizar.

... Surgiu a idéia do Clube de Mães, inclusive incentivar encontro de casais, catequese, curso bíblico e pastoral operária. E a partir daí, sempre, todo o trabalho da comunidade, Santa Margarida, nós reuníamos o grupo com o Santo, com o Carlos, com a Fiinha, com a Nair, e assim por diante prá discutir o que nós fazíamos na comunidade e planejávamos sempre juntos.

... O que nós fazíamos também, junto, era a discussão da pastoral operária.

... o outro ponto marcante da vida com o Santo foi quando ele era ministro da Eucaristia, aonde nós, a partir da formação da comunidade Santa Margarida, nós

sais, cursos bíblicos. Ele tinha tempo até ao meio dia, por exemplo a uma hora do domingo, visitar doentes, depois ele participava das reuniões.

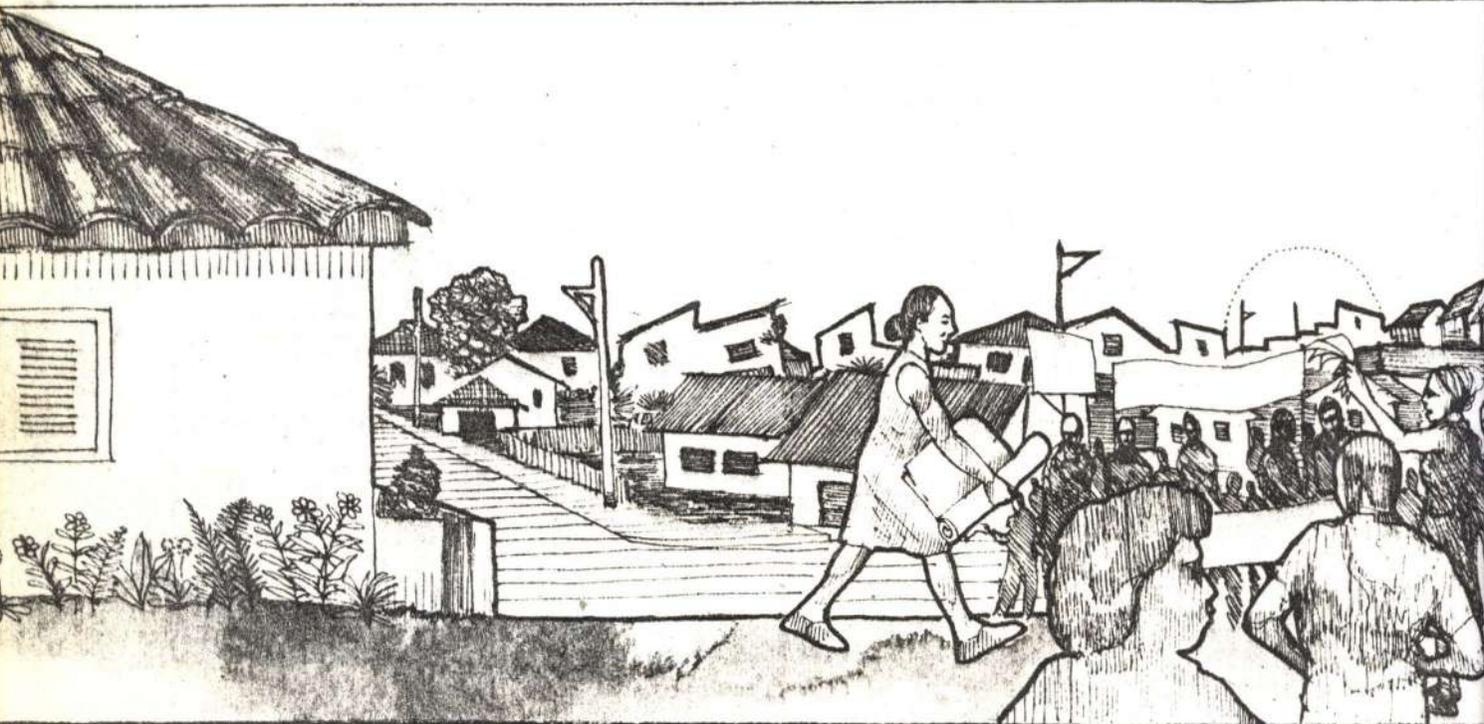
(IRMA)

"O Santo sempre foi um homem muito religioso, sabe? Mas conforme foi crescendo a consciência, também foram crescendo as críticas, né? Acho que ele sempre teve fé. Mas ele tinha fé também na participação do homem.

No justo. Ele não tinha fé naquela igreja que tava alienando o povo, a fé dele era nessa igreja participada."

(ANA)

"Fazia sempre a sua oração, puxando prá dentro da missa o



começamos a formar outras comunidades, como a comunidade do Jardim Alfredo.

... E o Santo participou diretamente também das primeiras assembleias que a gente fez aqui na região, aonde nós fizemos um levantamento da questão da Escola... nós fizemos reuniões por bairros, depois assembleias públicas, exigindo que a Secretaria da Educação viesse prá cá, ou outras ocasiões a gente indo até a assembleia legislativa exigindo a construção de escolas. Por isso o Santo ele teve uma atividade assim muito diversificada. Ele fazia questão de participar da comunidade na hora da celebração, de curso de ca -

grito do povo empobrecido, e no fim da missa, dava avisos e convidava o povo para que a missa continuasse no compromisso da luta operária e popular."

(Pe. Luís)

- SANTO COMO LIDERANÇA -

"Era um cara assim que a massa confiava muito nele, um cara que em toda e qualquer circunstância, algumas coisas que notavam ele, então, por exemplo ele tava sempre com um folheto debaixo do braço. Ele era um cara muito atualizado, sempre, lia o jornal, né? Fazia um esforço danado para acompanhar as notícias que diziam respei-

to à classe operária, prá discutir dentro da fábrica e... sempre com um folheto, folheto do sindicato, um folheto de uma reunião.

A coisa mais importante que ele deixou foi justamente, essa experiência, não dá prá você 'dizer que foi a idéia do socialismo não sei das quantas, foi uma experiência ligada com a vida, uma militância profundamente ligada com a vida concreta que ele deixou."

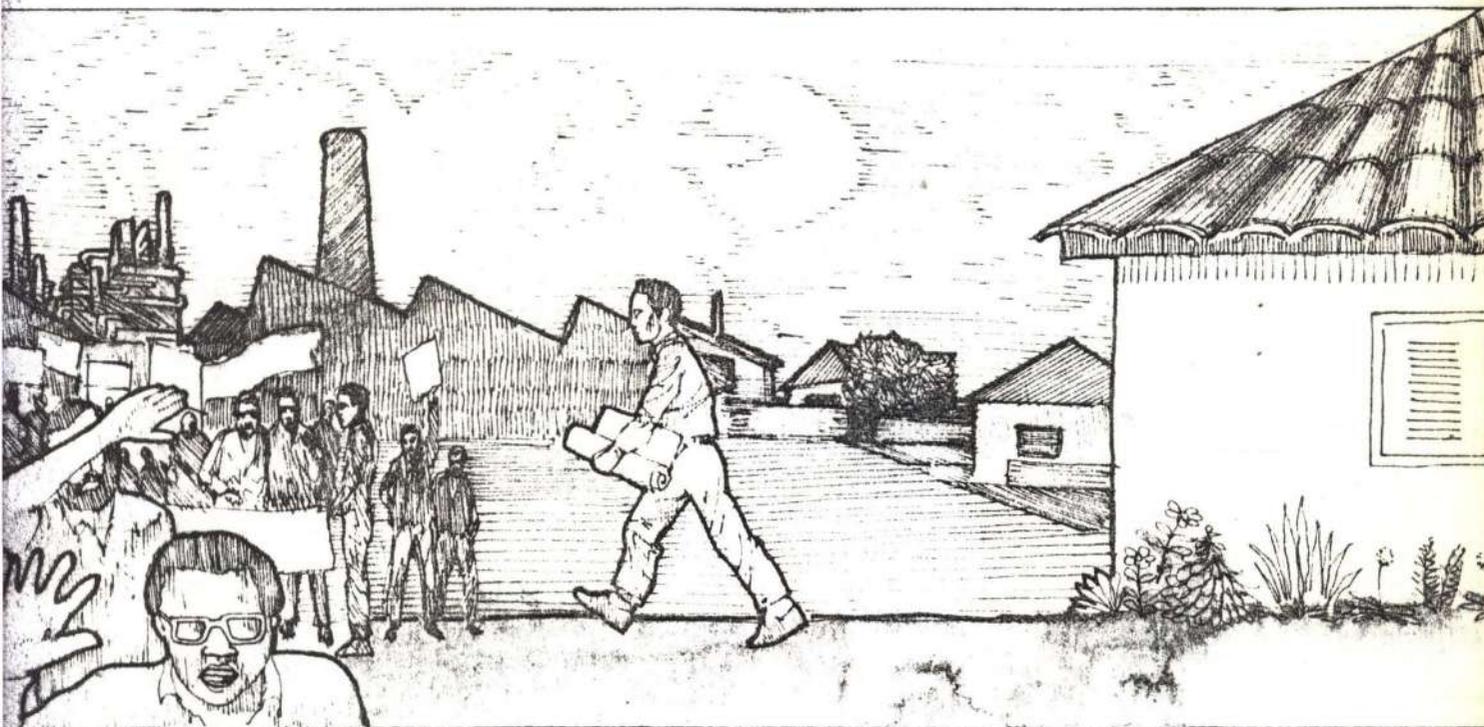
(OPERÁRIO METALÚRGICO)

"O que tem de analisar, uma coisa muito séria sobre isso, é que o Santo sempre teve trânsito livre em qualquer área (do movimento sindical), isso aí

"como a gente vê que a presença dele é mais marcante na consciência das pessoas, porque pelo menos prá mim, a consciência de classe, por exemplo, que eu tenho hoje, adquiri com ele. O que deixava muito marcado na gente era a forma que ele tinha de colocar as idéias claras e sem contradições, as coisas que com uma resposta. a gente ficava satisfeito da pergunta que havia feito, porque tinha as coisas claras na cabeça, do que ele queria, do que ele esperava."

(SEBASTIÃO - VILA REMO)

"Um homem que pensava muito antes de falar. Responsável, não me lembro nunca do Santo ter



o pessoal tem que analisar friamente."

(TIRADENTES)

"Eu achava assim o Santo uma pessoa muito simples, e por isso ele estava sempre se renovando. Era uma pessoa que acreditava profundamente na classe operária e na capacidade dos companheiros. Eu lembro a Ana contando, que vinha o ônibus da firma, ele sempre levantava muito cedo, e ele ia tomava o ônibus cheio mesmo, e a Ana falava assim: "Por que você não vai no ônibus da firma, que você vai sentado e tal aí ele falava: "É QUE MINHA CONDUÇÃO É OUTRA."

(EUNICE)

furado compromisso. Um homem que assumia os compromissos, e você poderia ficar tranquilo porque ele não furava. Uma grande virtude que ele tinha era a facilidade do relacionamento. Mesmo no aspecto político o Santo era um homem que, apesar de ter adversários, não fazia inimigos." (AURÉLIO PERES)

"O Santo sonhou muito foi com um sindicato na mão dos verdadeiros donos. Dos verdadeiros trabalhadores, não um sindicato na mão de quem está. Porque, pro Santo, era muito duro de ver aquele sindicato assim, com tão pouca participação do trabalhador. Cada vez que tinha que se decidir algo no sin-



dicato quem é que decidia? Então, o envolvimento do Santo buscava a participação do trabalhador. Daqueles que constroem a riqueza do Brasil. Muitas vezes eu ouvi o Santo dizer isso. Um dia a gente tem que ver que quem dá a voz e a vez é quem constrói, não é quem fica aí dominando e oprimindo o trabalhador. Então, o que ele queria era um mundo mais participado, uma sociedade mais justa, mais digna. É isso que eu acho que o Santo sempre sonhou". (ANA)
"Tudo o que ele fazia era muito mais voltado para o bem do pessoal em geral, do que propriamente pensando pra ele,

então é uma pessoa em que você pode confiar."

(CENERINO)

"O Santo soube sempre se manter calmo e com tranquilidade. E a ditadura quando o assassinou, assassinou consciente sabendo que estava matando um quadro operário. Inclusive, o Santo era um companheiro que além de ser consciente era um ponto de unificação de uma série de correntes políticas."

(ANTONIO FLORES)

"Ele era um cara, ele ponderava muito as coisas. Ele era um cara que não se entusiasmava fútilmente por idéias, entende? Se entusiasmar, eu digo no seguinte sentido, de que tem mui-



ta gente que você fala meia dúzia de coisas e já vira uma brasa, já quer sair por aí fazendo e desfazendo. E isso é um negócio muito de coração e pouco de cabeça, esse tipo de coisa é um pouco irracional. Na grande maioria das vezes, isso não dá em nada, porque o componente racional é depois totalmente abafado. Então, você vê a coisa como eu vi, gente agindo quase que cegamente. E o Santo nunca, fazendo uma retrospectiva do tempo que a gente teve de contato, que a gente viveu próximo um do outro, eu não me lembro nunca do Santo agir assim. Ele foi um grande líder operário aqui na região, sujeito com trabalho bastante enraizado, bas-

ro ele ouvia, depois desse companheiro falar, ele às vezes não pedia a palavra, deixava outro companheiro falar, para poder ouvir outras opiniões, se combinava, se estava correta, prá depois ele chegar e intervir. O Santo era muito respeitado, era respeitadíssimo! ele não fazia questão de encabeçar, ele fazia questão era que saísse a chapa de oposição, e que o movimento sindical ganhasse as eleições em 1978. E a gente naquela época fazia reuniões por fábricas, era uma luta que ele tinha e que hoje nós não levamos."

(CHACRINHA)

"Ele era parte de um povo que estava descobrindo e fazendo "



tante respeitado. Mas era um sujeito com muito bom senso e, principalmente, um sujeito que respeitava todo mundo, ele tinha muito respeito."

(CONRADO)

"No que diz respeito a questão sindical, não olhava a cor partidária de quem quer que seja. Era um companheiro, que sabia discutir com todos. O objetivo dele, sempre foi a formação de comissões de fábrica. A preocupação era mobilizar os trabalhadores dentro da fábrica, não importava se a comissão era ou não reconhecida pela empresa."

(CHICO VIOLA)

"Ele não intervia quando o companheiro estava falando. Primei-

sua história e como todo povo que vem descobrindo e fazendo sua história, não tem receitas próprias. Não tem, digamos, uma saída para a luta da classe operária preparada em laboratório, mas elaborada no próprio processo de luta. Ele foi enfrentando essas contradições e muitas vezes não sabia o que fazer." (ROSSI)

"Eu sempre gostei do Santo, do jeito fácil e simples de entrar em contato e diálogo com a gente. Ele gostava muito, no meu entender, de bater papo diretamente com as pessoas. Eu nunca vi o Santo como uma pessoa agitadora, assim como tem outros por aí, que são muito "

mais de falar, falar, discursar. Nunca vi o Santo desse jeito, eu vi o Santo sempre mais como uma pessoa de contatos diretamente com as pessoas, de tentar um trabalho diretamente com as pessoas. Então era um trabalho que eu sempre admirei e talvez admirei porque talvez falta a gente essa qualidade."

(VICENTE)

"Para mim, o Santo foi em primeiro lugar um operário que soube viver a condição de operário, levando seus companheiros a entenderem a dignidade do homem que trabalha, porque o centro do mundo todo é, realmente, o trabalhador."

(D. PAULO EVARISTO)

"Eu participava do movimento e com a solidariedade do Santo, com essa questão toda, fez com que eu participasse mais ainda." (CHACRINHA)

"Era uma pessoa que a gente, todo e qualquer problema com leis trabalhistas, assim que aparecia, a gente nem se preocupava em olhar em nada, era só dizer: vai falar com o Santo, que ele sabe orientar."

(MARIA JOSÉ)

"A gente dava subsídios jurídicos prá eles mesmos resolverem. Então, um abaixo assinado e outras formas de luta lá dentro da fábrica. E o Santo estava sempre ligado, não só nos problemas da fábrica que ele trabalhava, mas de outras fábricas. Ele chegou até a comprar um carrinho que ele me falou, prá poder se deslocar mais de um lugar prá outro."

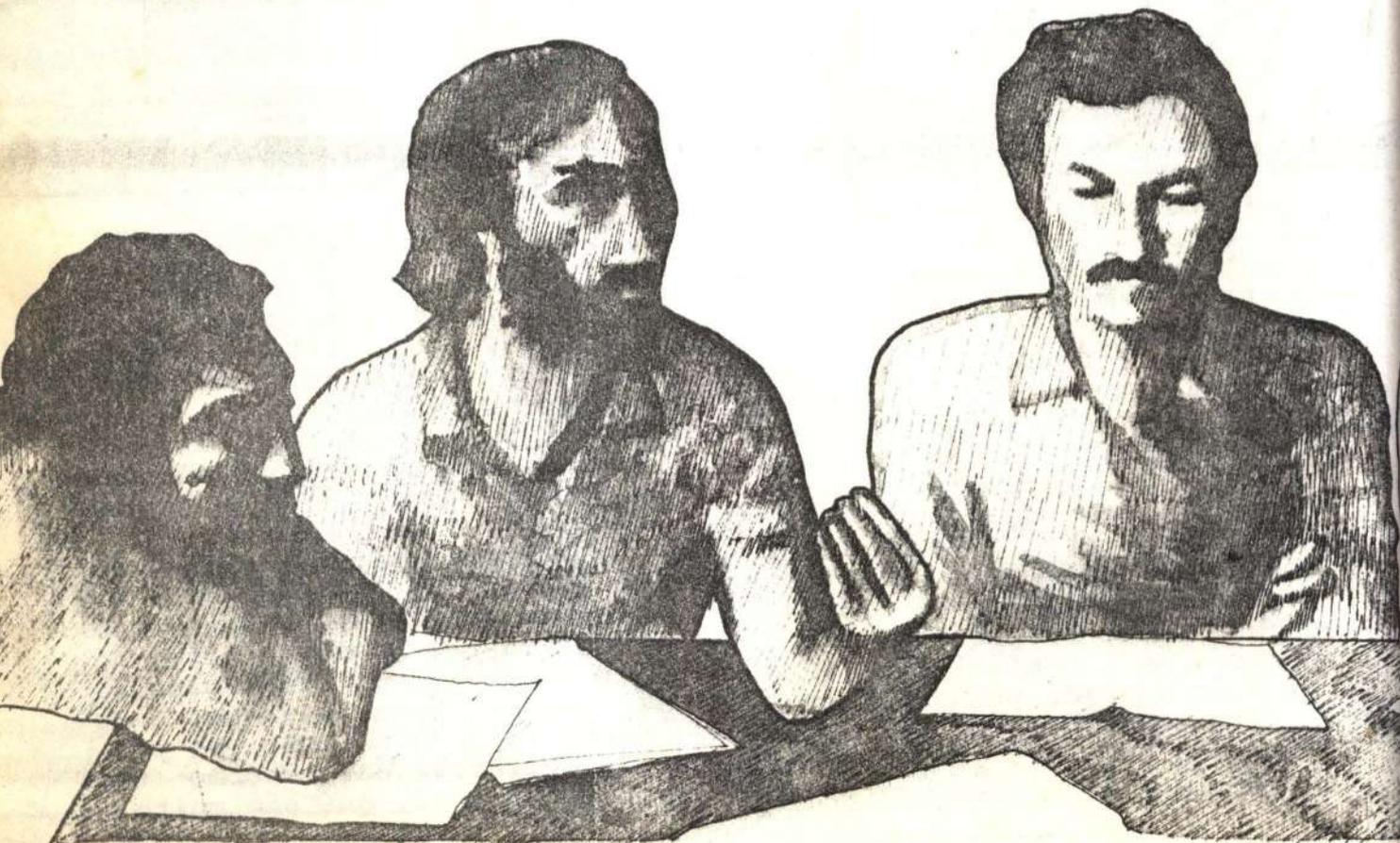
(GILDA)

"Percebi como era grande o seu desejo de vencer, como era grande a sua consciência de classe, e em tudo que podia você colaborava para o bem da classe operária, chegando mesmo a perder sua vida, que tão preciosa era para todos nós."

(VANDA - Carta ao Santo em 06/11/79)

"Parava e conversava com o pessoal, queria saber da fábrica, como estavam as condições salariais lá dentro. Sempre procurava retirar informação do pessoal, para saber o que realmente estava acontecendo dentro da fábrica. Esta era uma qualidade do Santo numa porta de fábrica." (JORGE)

"Eu quero deixar registrado um negócio que eu acho muito importante, que foi das pessoas de cabe -



ças mais independentes que eu já conheci em minha vida. E toda vez que tinha ação efetiva, na verdade, não é que Santo se colocava à frente, mas as pessoas é que se reuniam em torno do Santo assim como é, ele tranquilizava, ponderava e tal. Na verdade o Santo tinha alternativa, quer dizer, o Santo era um profissional de mão cheia. O Santo perdeu muito emprego por conta do movimento sindical mas se quisesse abrir mão do seu compromisso, provavelmente, seria encarregado, ou mestre e tal. Era um profissional sério, respeitado. Ele era respeitado não só no meio operário, mas também pelos chefes de um modo geral, porque sabia aonde queria ir, sabia respeitar, não aquele negócio moralista e tal. Acho que essa é uma grande lição que o Santo nos deu, que a vida dele nos deu. O Santo tinha capacidade de viver e entender que a vida é um negócio redondo e não quadrado."

(ISTVÁN JANCSÓ)

"Na coordenação da paróquia de Vila Remo, ele era sempre presente e primava pela sua objetividade e bom senso, não levantava a voz, mas dialogava. Buscava os pontos

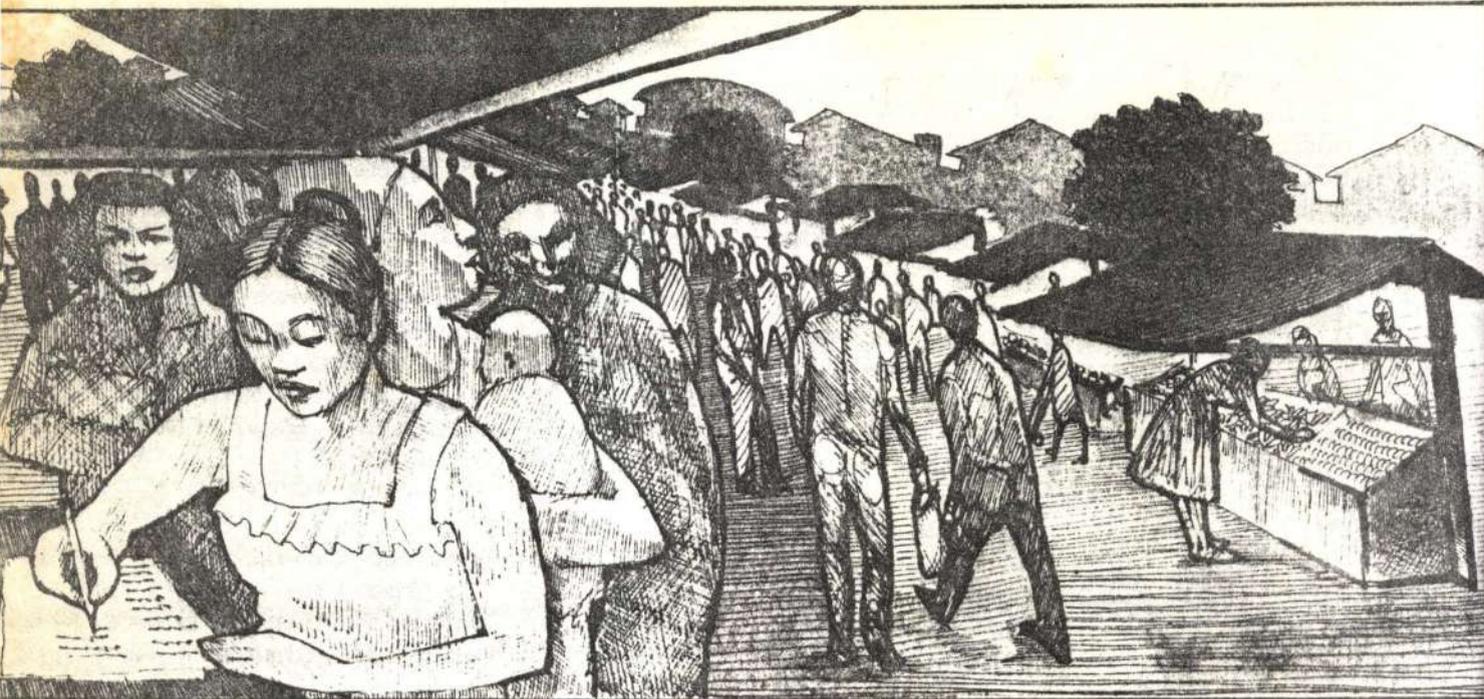
comuns e colaborava em busca de decisões concretas. O Santo foi um processo político. De uma visão ingênua da realidade, passou através da prática de luta de classes, seja nos movimentos populares, seja na Oposição sindical, a uma visão crítica, das causas, dos mecanismos de exploração da sociedade capitalista. Neste processo colocou-se com muito respeito ao povo e a seu processo de conscientização ao lado dos explorados. O SANTO É UM REVOLUCIONÁRIO DE UM MUNDO NOVO, SEM PATRÕES E SEM ESCRAVOS." (Pe. LUÍS)

"Foi Santo que me levou a começar a participar da Oposição no sindicato. Quando todo mundo, querendo tomar a palavra, falar simplesmente por falar, marcar presença nas reuniões, Santo era aquela pessoa que ficava mais ouvindo e fazendo interferências nas horas certas."

(CÉLIA)

"Bem, na luta nós estávamos sempre juntos. Um dia, me lembro também que a Ana e eu, nós duas, participávamos mais do Movimento custo de vida, de vez em quando houve umas bri-





gas e nós duas não queríamos participar de uma reunião, então o Santo disse:

Como vocês não vão na reunião vocês tem que ir! ENTÃO O SANTO ANIMAVA A GENTE, ESTIMULAVA A GENTE E SEMPRE COM FIRMEZA. ELE TINHA CONVICÇÃO NO TRABALHO." (CECÍLIA)

"O Santo sempre foi um cara muito combativo e honesto." (ANÍZIO)

"Ele defendia a oposição sindical, sim, mas que a oposição sindical sentasse praça no sindicato e não se afastasse da luta, mesmo derrotada nas eleições, que ficasse permanentemente em atuação dentro do sindicato, tentando cobrar da diretoria pelega, teñ

tando esmiuçar na diretoria pelega e puxando isso."

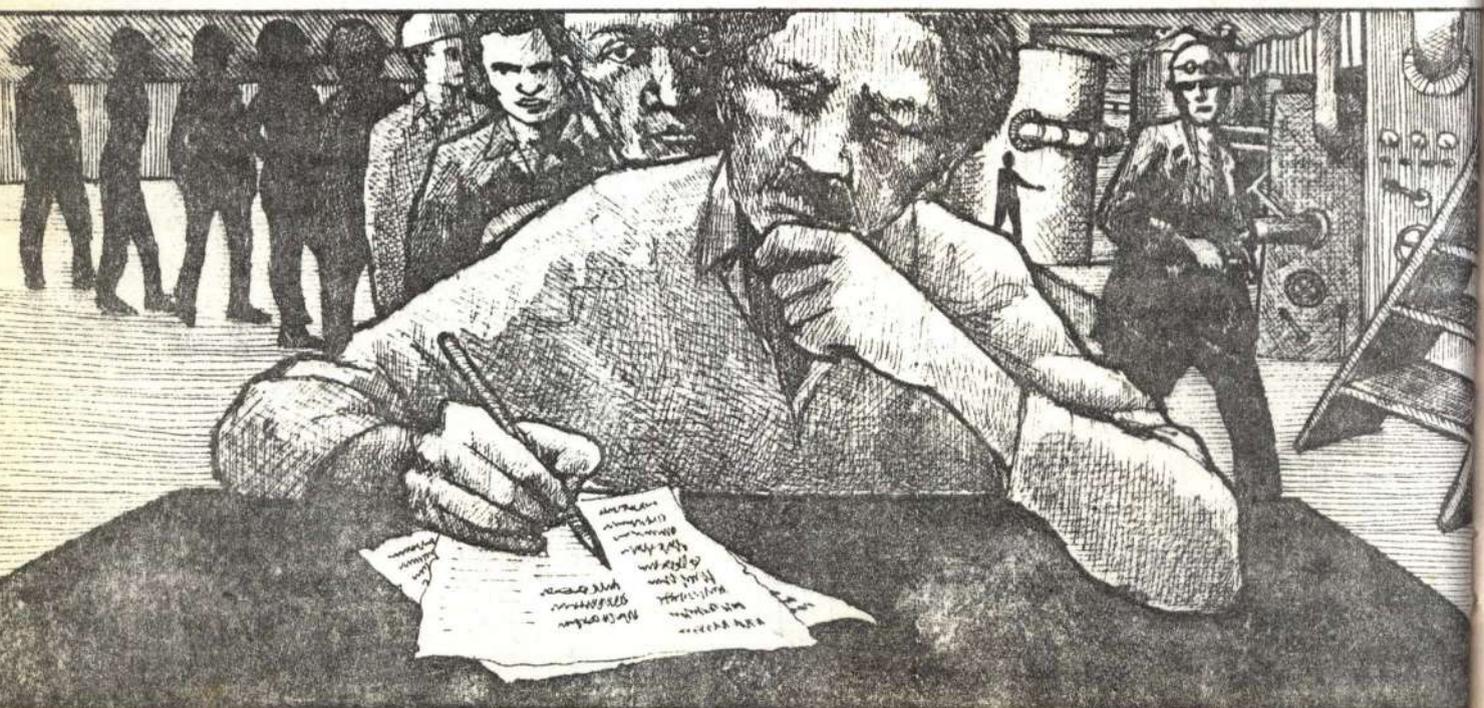
(LUÍS EDUARDO)

"Lembro dele sempre ter tido um forte trabalho de fábrica, de estar todo dia de madrugada na porta da fábrica, todos os dias ele estava lá, de ter sempre uma coisa na mão pra estar passando, para o pessoal ler, se esclarecer."

(VANDA)

"O Santo Dias nunca foi de agressão, foi um elemento de diálogo com quem quer que seja, amigo, inimigo, cidadão, opressor. Teve um comportamento decente de um revolucionário." (JOÃO PEREIRA)

"Meu pai foi um homem que lutou pra conseguir o bem e



não o mal, como esses exploradores."

(LUCIANA - A filha na cartilha sobre o Santo em 1979)

A HISTORIA DA GREVE

QUEM CALA SOBRE TEU CORPO
CONSENTE NA TUA MORTE!

"A LUTA NÃO PODE PARAR."
(D. Paulo)

"Foi decidida a greve, certo. Com seis mil metalúrgicos nessa assembleia foi decidida a greve, só que 6 mil metalúrgicos não significavam a categoria toda que era quase 400 mil metalúrgicos, certo?"

tinha o Arco-Iris, o lugar que a gente tinha alugado pra se reunir tinha sido invadido pela polícia. Naquela manhã, a gente estava então na Igreja do Socorro. Como tinha muita gente presa já, a gente estava tentando organizar pra parar outras fábricas, que não tinham sido atingidas ainda. E naquela manhã, então, como tinha a assembleia no sindicato à tarde, a gente na igreja do Socorro, achou que era interessante ir a tarde, na fábrica Sylvania, que entrava às 2 horas, e tentar convocar o pessoal para a assembleia, porque a assembleia era muito importante que tinha muita gente presa, e a gente tinha que tomar uma decisão."

(CÉLIA)

"O Santo foi com esse objetivo, mas



Então, essa greve vai ser levada, por esses 6 mil metalúrgicos, vamos ver se esses 6 mil metalúrgicos vão levar o que assumiram na assembleia. Agora, o que vai acontecer daqui pra frente é que eu não sei, porque a repressão vai cair em cima. Ainda me lembro que falei assim por último, que a repressão ia cair em cima."

(CHACRINHA)

"No domingo à noite, a repressão era grande. Tudo cercado. De manhã, na segunda feira a coisatava dura. Chegamos a fazer piquetes com 5 pessoas no Socorro, por que estava todo mundo preso."

(VANDA)

"Nós estávamos juntos, na Igreja do Socorro, participando da reunião, no dia anterior, onde a gente

também ele foi com o objetivo de ninguém ficar preso, ninguém podia ser preso na porta da Sylvania. Qualquer coisa que houvesse, um companheiro cobria o outro. E foi quando esse PM chegou e interviu em cima do Santo, e entrevistou em cima dos companheiros que chegavam na hora, viram que não tinham força e chamaram reforço. Já estava previsto assim, já quase uma retirada, para o pessoal poder ir à Assembleia, que era a assembleia das 3 horas da tarde. Que era importante porque ia definir a continuidade da greve ou não. Mas não era só o Santo, eram os companheiros que estavam junto com ele e ao mesmo tempo, reforçando aqueles companheiros que estavam lá há muito tempo e es-



tavam sendo pressionados pelo policial." (CHACRINHA)
"E nós saímos e eu saí junto com o Santo, e a gente foi pra frente da Sylvania, que era às 2 horas. Chegando lá, a nossa idéia, na igreja do Socorro, era que a gente não devia enfrentar polícia. Quando a polícia chegasse e não tivesse condições da gente chamar o pessoal para a assembleia, era pra gente se afastar do local e ir pra assembleia. Isso é o que ficou sempre na cabeça de todo mundo, não enfrentar a polícia. E quando a gente estava lá, começamos a conversar com o pessoal que estava chegando, aí o pessoal da fábrica, os donos, chamaram a polícia. Aí, houve todo aquele tumulto lá, que foi falado, escrito, e a gente todo o tempo querendo sair, tentando chamar o pessoal. E foi num certo momento, que a gente já estava tentando sair do local, que a polícia tentou prender um dos companheiros da gente. Então, muita gente já estava subindo a rua pra ir embora pra assembleia. Foi

quando eu ouvi, do próprio Santo, inclusive eu também estava indo embora pra a Assembleia. Não devemos deixar preso o nosso companheiro, se ele vai preso, todos devem ir, porque não estamos aqui pra enfrentar ninguém." (CÉLIA)

"O companheiro era tido como o comandante dos piquetes e já - mais deveríamos deixar esse companheiro ser preso, como foi a decisão tirada em Assembleia. Aí Santo Dias foi pra frente, tomando as dores, discutindo com os policiais, dizendo palavras ásperas, que talvez muita gente desconheça. Que este companheiro teve um comportamento decente de um revolucionário, dizendo: Por que vocês não vão prender marginais que estão aí, assaltando as casas dos trabalhadores? Por que vocês não vão prender esses elementos vadios? Por que vocês vão prender trabalhador que defende um pedaço de pão a mais pros seus filhos? Por que vocês estão aí, numa posição anti-patriótica?

(JOÃO PEREIRA)



"Quando o pessoal estava se retirando, a polícia estava querendo nos impedir de ir embora, que a gente estava querendo ir embora pacificamente, claro, a polícia realmente provocou, começou a correr atrás de um, de outro e tal."

(VICENTE)

"O companheiro fugiu e eu pulei da viatura prá fugir também. Só que no momento, foi mais forte ver a cena de um amigo, de um companheiro, de um líder, sendo carregado por dois policiais. Um pegando nos pés, outro na cabeça, puxando o corpo do companheiro Santo Dias, eu não tive momento... Eu me abracei ao companheiro, eu pus meu braço direito por baixo do pescoço do companheiro e vi ele virando os olhos, e vi ele não me reconhecendo. Eu não tive mais outra coisa a fazer, a me virar pro lado do policial que me apontava o revólver nas costas e dizia: prende esse bandido, esse assassino, isso, aquilo! outro! tantas palavras esse cara usava, e eu me virei pro

lado dele e disse: Assassinos! Tu mataste um trabalhador, mata mais um! E avancei contra ele e nesse momento, esse covarde se afastou, apontando um revólver prá mim e afastando, afastando! gritando pros outros policiais prá me pegar.

... eu estive em frente do Pronto Socorro que o companheiro Santo estava, que o corpo do Santo estava. E estava morto e já dado afirmativo. O Tenente veio prá dentro da viatura olhando nós algemados, e olhou assim e falou: Foi morto um porco! Não foi morto um homem, camaradas! Não foi morto um trabalhador, mas foi morto um porco! E disse prá gente: Você é responsável, vagabundo, pela morte desse cara! E me deu pontapé, e me deu murros e me deu chutes dentro da viatura e eu imobilizado."

(JOÃO PEREIRA)

ELES QUISERAM SUMIR
COM O CORPO

Alguém disse que o Santo foi baleado. Na hora falamos: Bom, se ele foi baleado na Sylvania,

var para o Pronto Socorro de Santo Amaro. Estávamos saindo quando tocou o telefone de novo, dizendo que ele estava morto. O Aurélio, a esposa dele e eu fomos correndo, no carro dele, para o Pronto Socorro, onde não tinha chegado ninguém ainda. Quando entramos nós falamos: Sabemos que o Santo foi baleado e fazemos questão de vê-lo. Aurélio se apresentou como deputado e eles disseram que não podia entrar. Então eu disse: Eu sou padre e ele tem que receber a extrema-unção agora, dentro de meia hora de pois de morrer. Um deles respondeu que só o padre podia mas os outros não deixaram. Lá estava uma praça de guerra, tinha policial que não acabava mais, e nós entramos assim mesmo. Ficamos procurando onde estava o corpo. Um velho nos levou até uma porta onde estava o Santo. Eu chamei o Aurélio e disse: Olha, ele está aqui. Então, nós entramos e ficamos lá. Quando eles souberam que nós estávamos lá, mandaram nos tirar. Nós pensamos, que se eles queriam nos tirar de lá, era porque queriam sumir com o corpo e negar tudo, então não quisemos sair. Ameaçaram de nos fechar lá dentro, então começamos a puxar uma reza. Mas ficou todo mundo emocionado e nunca deu prá ir além da Ave Maria, cheia de graça, Ave Maria, cheia de graça." (PE. PEDRO)

"Quando chegamos no Comitê, no Socorro, encontramos a Araci que estava apavorada, porque tinha chegado um telefonema, até o Comitê, avisando que o Santo tinha sido baleado. De repente ficou todo mundo apavorado, porque não sabia se era grave. Logo em seguida o telefone tornou a tocar. Era uma pessoa do Pronto Socorro, avisando que o Santo estava morto e que alguém devia correr lá, porque parecia que eles queriam tirar o corpo do Santo, sem ninguém saber para onde ia. Eu, Conrado e Vera Maria fomos para o Pronto Socorro. Tinha polícia como formiga. Com muito custo eles deixaram a gente entrar. O Pe. Pedro com a Bíblia na mão me lembro como se fosse agora. Quando eles abriram a porta, a

rio que tem no Pronto Socorro, um quartinho muito pequenininho, mal arejado, com uma janelinha muito pequena. O Santo estava coberto com o lençol, o sapato sujo de barro. A gente puxou o lençol prá olhar e logo viu o buraco da bala, o sangue. Foi uma coisa terrível, ver o Santo que eu estiamava, ama-

va como irmão, num lugar daquele, muito mal acomodado. Um lugar onde se joga uma pessoa que morreu. A gente ficou ali. Eles queriam fechar a porta, jogar a gente prá fora e deixar o Santo sózinho, lá dentro. O Pe. Pedro falou: Eu como padre não saio, fico aqui. Então eles desistiram, ficaram por ali vigiando. E a gente ficou lá, junto com o corpo. Aí foram chegando pessoas. Me lembro quando chegou a Irma, quando chegou D. Paulo. Estava lá quando chegaram os padres, quando chegou a Ana. Me lembro que a Ana chegou muito desesperada. Me lembrou muito de Nossa Senhora quando viu o filho morto, quando eu vi a Ana. Quando ela me viu, me perguntou: Odete, como é que está o Santo? Eu disse: Ana, calma, porque ele está melhor do que nós. Aí ela percebeu que estava morto, ela segurou a mão em mim e foi se escorregando, ajoelhando no chão, chorando muito."

(ODETE)

"O D. Paulo apontou o orifício da bala e perguntou prá pessoas que estavam lá: Por que isso? Por que mataram um trabalhador?. Os delegados que estavam ali no DOPS, Polícia Federal, abaixaram a cabeça e D. Paulo rezou um padre-nosso com o dedo na ferida."

(LUÍS EDUARDO)

"Eu pus esse dedo direito, indicador, no lugar onde entrou a bala e disse para os militares que estavam ali na minha frente: Este homem foi um homem não violento, um homem da unidade e da comunhão e vocês foram violentos, para destruir essa unidade."

(D. PAULO)

"... os olhares do Santo eram assim muito comunicativos. Uma coisa que marcou depois da morte dele. A primeira coisa que eu vi é que ele estava com os olhos muito abertos, no Pronto Socorro. Eu olhei nele e parecia que ele queria dizer alguma coisa para mim, nos olhos, acho que ele podia falar. Não podia falar com palavras, mas com os olhos ele podia tentar falar a última coisa que ele que-



ça de ficar no Pronto Socorro, de ele ficar com vida. Então, acho que ele me disse:

- ANA, EU NÃO Tô TRISTE PORQUE MORRI. A LUTA CONTINUA, CONTINUA VOCÊ, PORQUE EU NÃO POSSO CONTINUAR."

(ANA)

MANIFESTAÇÕES APOS O ASSASSINATO. O POVO SE LEVANTA CONTRA A REPRESSÃO.

ERAM 70 MIL PESSOAS QUE SE MANIFESTAVAM. ERA A REVOLTA SENTIDA ATÉ ENTÃO, ERA A DOR, ERA TAMBÉM A ESPERANÇA QUE FEZ DA PASSEATA E ENTERRO DO COMPANHEIRO SANTO DIAS, O MAIOR HINO À LUTA. NAS PALAVRAS DE ORDEM, A PROMESSA DE LUTA SEM TRÉGUA ATÉ A VITÓRIA.

ERA O SANTO QUE RENASCIA. OS COMPANHEIROS CHORAVAM, MAS PERMANECIAM FIRMES. ANA EM SUA DOR PERMANECIA FIRME. LUCIANA, SUA FILHA, QUE GRITAVA PELO PAI, PERMANECIA FIRME, COM SUA PROMESSA DE LUTA JÁ TOMAVA O LUGAR DO PAI. SANTINHO, SEU FILHO, TAMBÉM MAIS DO QUE NUNCA, ERA O CONTINUADOR DA VIDA DO PAI.

"A Luta não pode parar."
(D. PAULO)

"Veio a notícia da morte do Santo. Nem sei o que eu disse. A agitação no DOPS era grande. Todos corriam prá cá e prá lá, mas ninguém ria ou zombava. O sangue quente do Santo tinha os esfriado de medo. Falei que iam pagar por aquilo, que o Santo não era um cachorro para ser morto na calçada, que eles iam receber o que mereciam. Tive que encomendar o caixão e assegurei a Ana que não se preocupasse com os gastos, escolhesse mesmo o mais bonito se quisesse. "O Santo sempre foi e viveu como operário e assim será sepultado", falou a Ana.

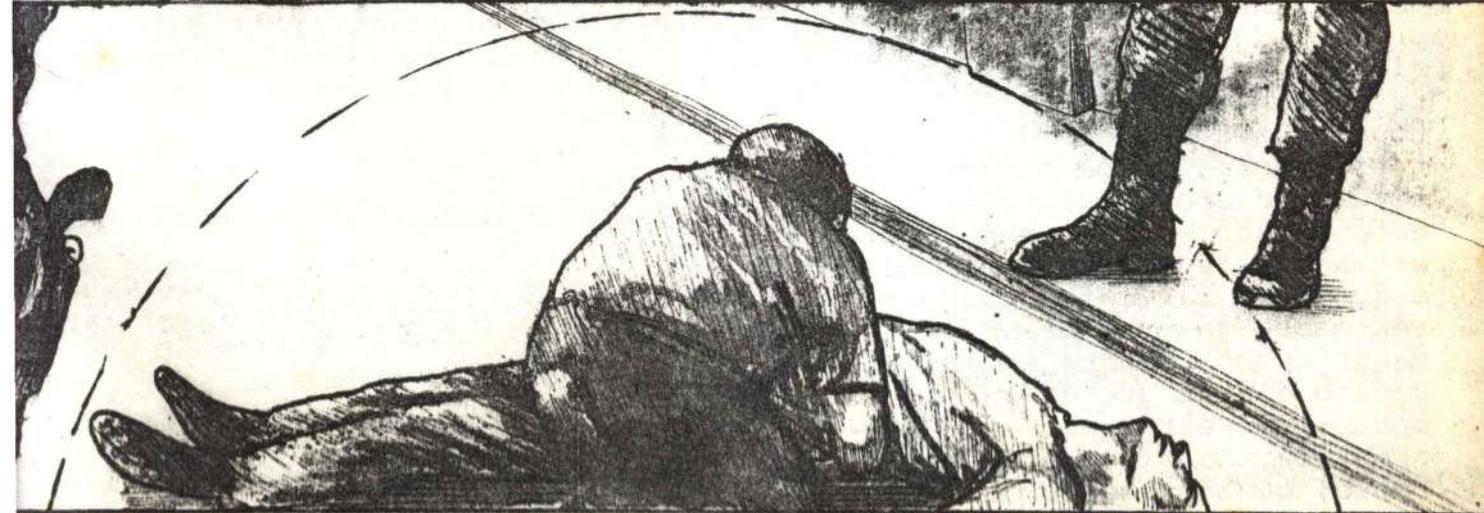
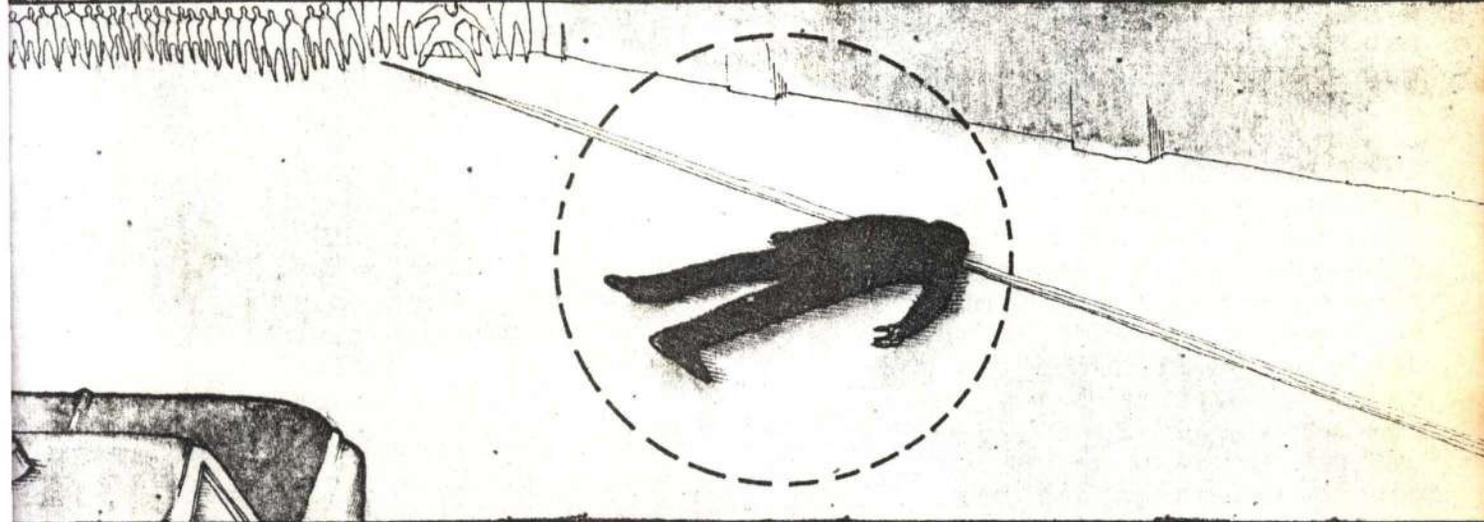
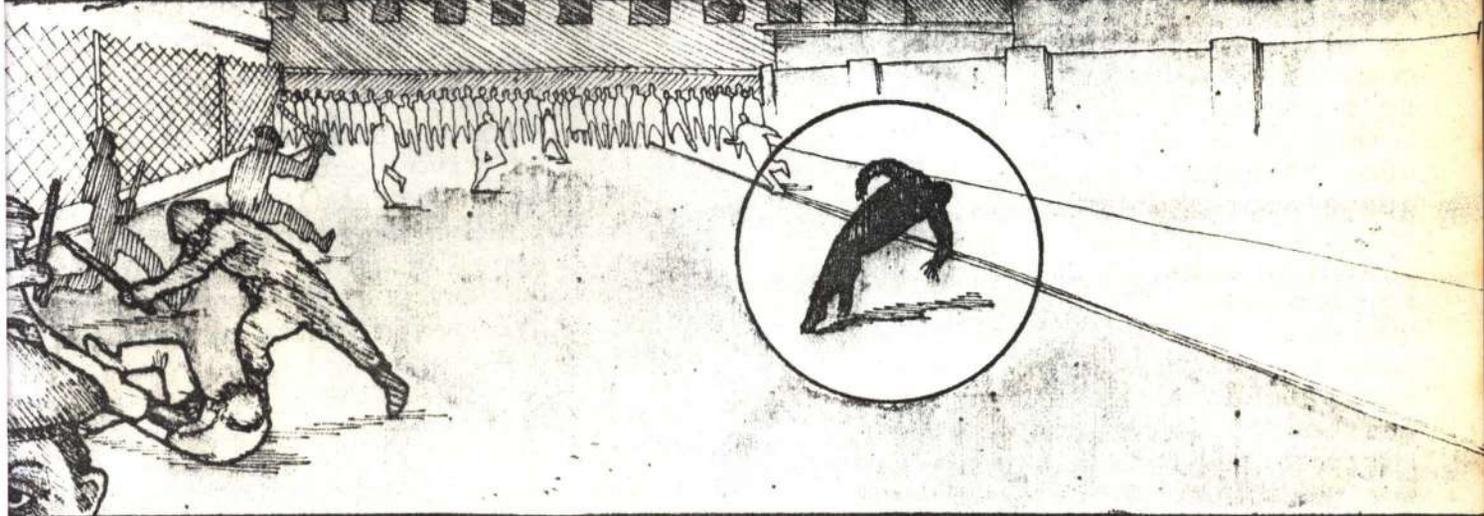
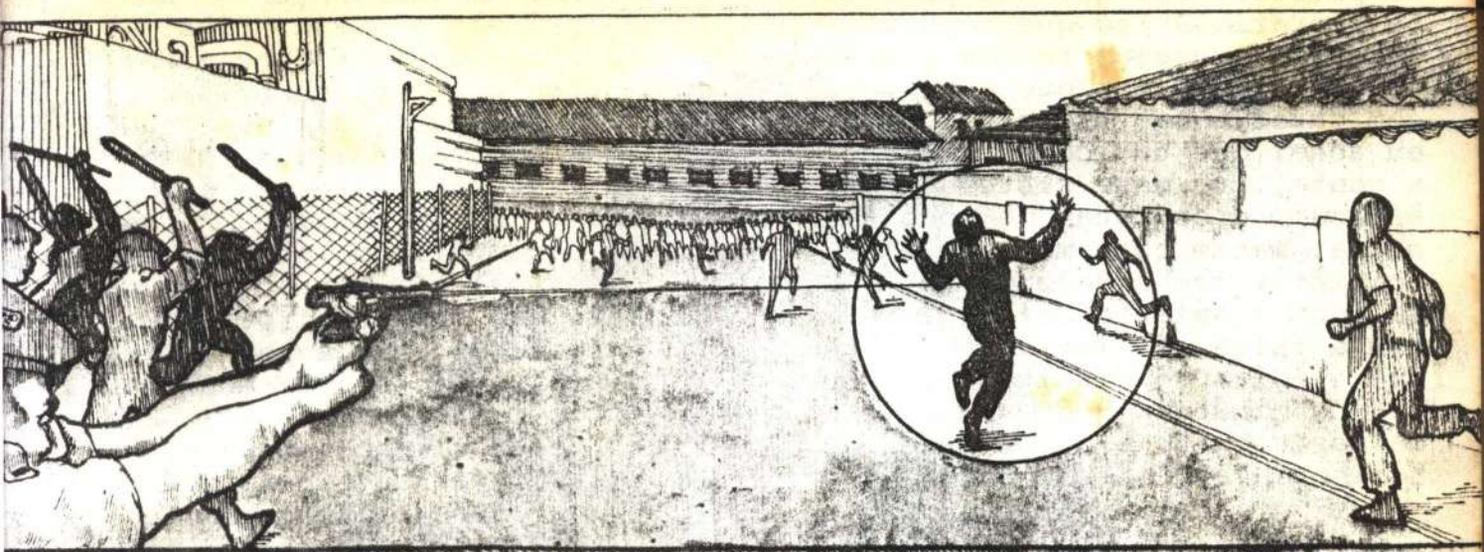
(PE. LUÍS)

"Quando ocorreu a morte do Santo, derramei realmente um pranto de classe. Então, o Santo... praticamente não morreu, foi tirada a vida dele, que é diferente de uma morte comum que ocorre. A partir daquele momento em que se tira a vida de uma pessoa, a primeira atitude que vem dentro da gente, é que aquela pessoa tem que ser vingada. En-

fundo, a partir do momento da morte do Santo, que a gente sentiu. Naquele momento foi dada uma resposta também, não a altura, como deveria, pela classe operária, mas foi dada a resposta à altura do regime, a partir do momento que se organizou, em que nos organizamos nas diversas regiões grandes passeatas, piquetões, manifestações operárias, não só para garantir a greve, mas mostrando todo um processo, o fato de ser tirada a vida de um companheiro de luta nosso. (JORGE)

"A unidade entre os homens do povo, a aplicação correta de uma política operária, voltada não só a mobilização, mas a mais ampla formação política e elevação da participação das bases, defendida e aplicada pelo Santo; essa unidade vagarosa e penosamente forjada nessa região de mais alta concentração operária de São Paulo, são a razão da forte concentração do aparato repressivo, naquela região. Poucos dias antes de morrer o Santo dizia a um companheiro: A GENTE NÃO TEM QUE DESANIMAR. A LUTA É LENTA, E SE A GENTE TRABALHA FIRME E DIREITO, ELA CRESCE SEMPRE. Hoje, primeiros momentos da greve onde morreu, estamos bem fortes, comparando com alguns anos atrás. Mas, ainda estamos fracos, comparando com a força dos patrões, do governo. Mas esse começo me anima, porque o que temos já é bastante prá ver que ninguém segura mais a classe operária, ninguém segura mais o processo de consciência da classe operária." (JOSÉ WILSON - JORNAL MOVIMENTO DE 5 a 11/11/1979.)

"Fazer justiça ali, na hora no Pronto Socorro, quando os policiais chegassem, que os operários fossem exigir deles: Por que vocês o assassinaram? Minha atitude não sei, se eu tivesse uma arma não sei se não a usaria. Acho que naquela hora você perde o controle, sabe? Por que eles usaram uma arma? Os operários estavam armados? Não. Não estavam, não. O que os operários estavam exigindo? Greve! A greve não estava decretada legal? Em todos os países, para ter uma reivindicação não precisa de fazer uma greve? Então essa greve não foi decretada no Sindicato? No órgão dos trabalhadores? Por que tinha



os policiais ali para proteger os patrões? Por que não proteger os operários? Não que a gente quisesse que eles fossem proteger os operários, mas que eles deixassem fazer o seu trabalho. Então, eu achei que uma coisa assim que a gente, que esse sistema que está aí, eles matam de toda maneira, matam como mataram o Santo, matam com o desemprego, matam com o salário baixo, matam com a falta de liberdade, matam com a falta de direito. Acho que a todo minuto a gente está ouvindo do assassinato e que sempre tem a minoria aí, massacrando."

(ANA)

"Existe a visão da repressão em eliminar os companheiros combativos, como foi eliminado o Manoel Fiel Filho, outro companheiro morto pela repressão, na nossa época. É claro que a repressão, talvez, já tivesse uma ficha de quem era o Santo. Quem é esse companheiro da Região Sul. A liderança que ele tinha na época, me parece que alguém tinha que ser sacrificado e quem seria sacrificado? Talvez, uma liderança de expressão, pra dizer pros outros operários que o negócio estava pesado. Que mataram um cara e podiam matar muito mais gente. Podemos enumerar vários militantes combatentes, que já foram mortos. Foi pra dizer pros operários que a greve já tinha terminado, que morreu o companheiro, que a repressão estava aí e podia matar muito mais gente. Um modo de intimidar o movimento operário. Agora, o importante é que mesmo com a morte do Santo, que foi uma perda muito grande para nós da liderança, porque a gente vinha desenvolvendo a prática do Santo, que a história nossa não parou com a morte do Santo.

Nossa idéia não era de enfrentar polícia, nunca foi. Sempre tivemos claro que a polícia está armada e nós sempre desarmados, de mão livre. Como é que você vai enfrentar uma repressão que vem pra te esmagar mesmo? Porque eu presenciei o dia em que o Santo foi morto. Nós estávamos em Assembleia, no sindicato de São Paulo, quando chegou o aviso

que o Santo tinha sido baleado. Aí, um companheiro chegou pra mim e disse: Olha, o Anízio, o Santo foi baleado, em frente à fábrica Sylvania de Santo Amaro. Aí, eu fiquei espantado, pensei que fosse mentira. "Ah! isso não é verdade". "É sim, Anízio." Chegou o comunicado, está no meio do pessoal aí, e tal." Aí eu disse pro companheiro: "Olha, companheiro, não espalha muito não, que pode ser mentira, e fica muito chato, né? Mas não demorou cinco minutos, subi um cara na tribuna e disse que o Santo tinha tomado um tiro e tinha morrido. Aí, foi um desespero pra mim.

Realmente pra nós, foi uma perda muito grande. Que hoje a gente sente aquela saudade do Santo, dele estar vivo, aquela vontade dele estar nos trabalhos, com a gente. Só que o movimento, depois da morte dele, a gente falou que a morte do Santo será vingada, a história pra gente ainda vai contar mais no futuro."

(ANÍZIO)

"Há pessoas que quanto maior é a coerência, maior é a margem de riscos e o Santo estava entre as pessoas do movimento operário de São Paulo, daqueles que eu diria que tinha a maior margem de riscos de todos. Realmente, não acredito que estava programado o assassinato do Santo. O que eu acho que estava na lógica do movimento operário que isso acontecesse com lideranças. E... a fatalidade colocou o Santo nisso, porque ele era das maiores lideranças, percebe?"

(ISTVÁN JANCÓS)

"Nunca passou pela minha cabeça que um policial pegasse a arma e disparasse pra matar... num piquete totalmente pacífico, onde a gente foi lá e antes de começar a bagunça, já estávamos querendo nos retirar." (VICENTE)

"Eu não cheguei a ir de manhã no piquete da Sylvania. Cheguei a contatar companheiros de lá, inclusive o Aurélio falou que um policial pôs o revólver na sua cabeça, e disse que podia atirar. Quer dizer que a polícia estava muito agressiva na Zona Sul. E isso eu relatei no relatório que a gente fez pra Ordem dos Advogados da violência da polícia, logo de manhã. Tanto que era mais





ou menos 7 horas da manhã, que a gente constatou vários casos, em contato com diversas pessoas por telefone." (GILDA)

"... Foi quando chegou o delegado Romeu Tuma. Ele confirmou que o baleado era o Santo Dias da Silva. Foi então que assisti e sou testemunha de uma cena dramática envolvendo um padre amigo nosso, e um delegado do DOPS. O Padre começou a gritar.

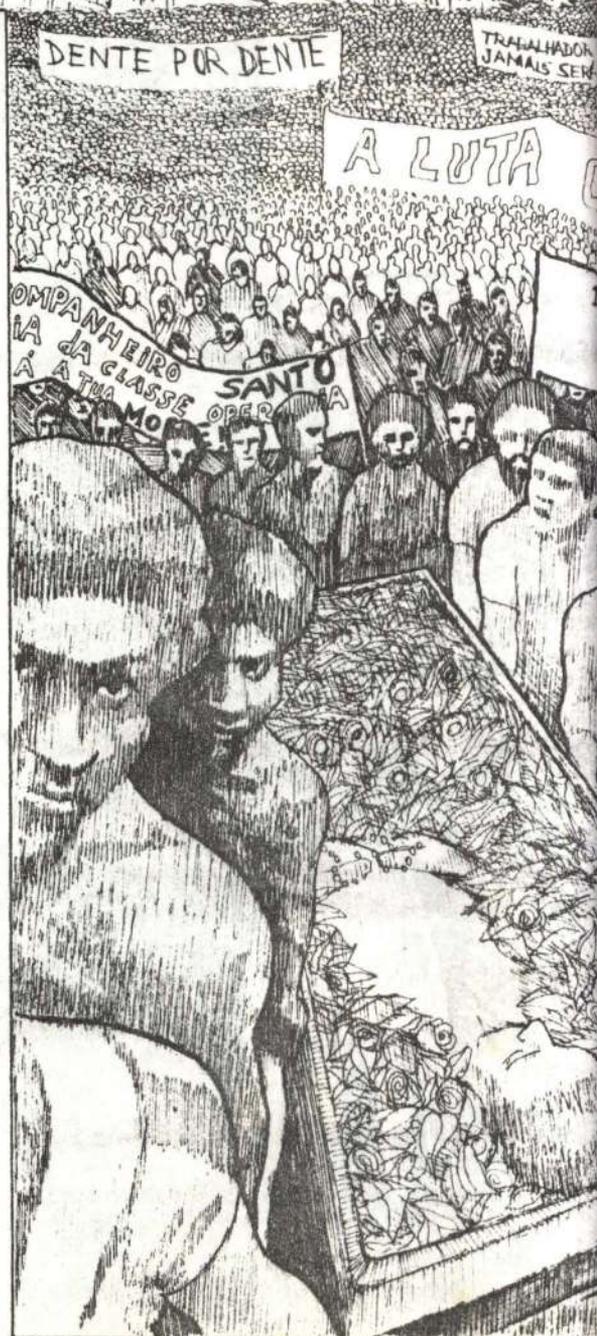
- Vocês são uns assassinos! O povo vai derrotar vocês! Vocês serão a poeira dessa história, a poeira que o povo brasileiro não vai querer pisar mais!"

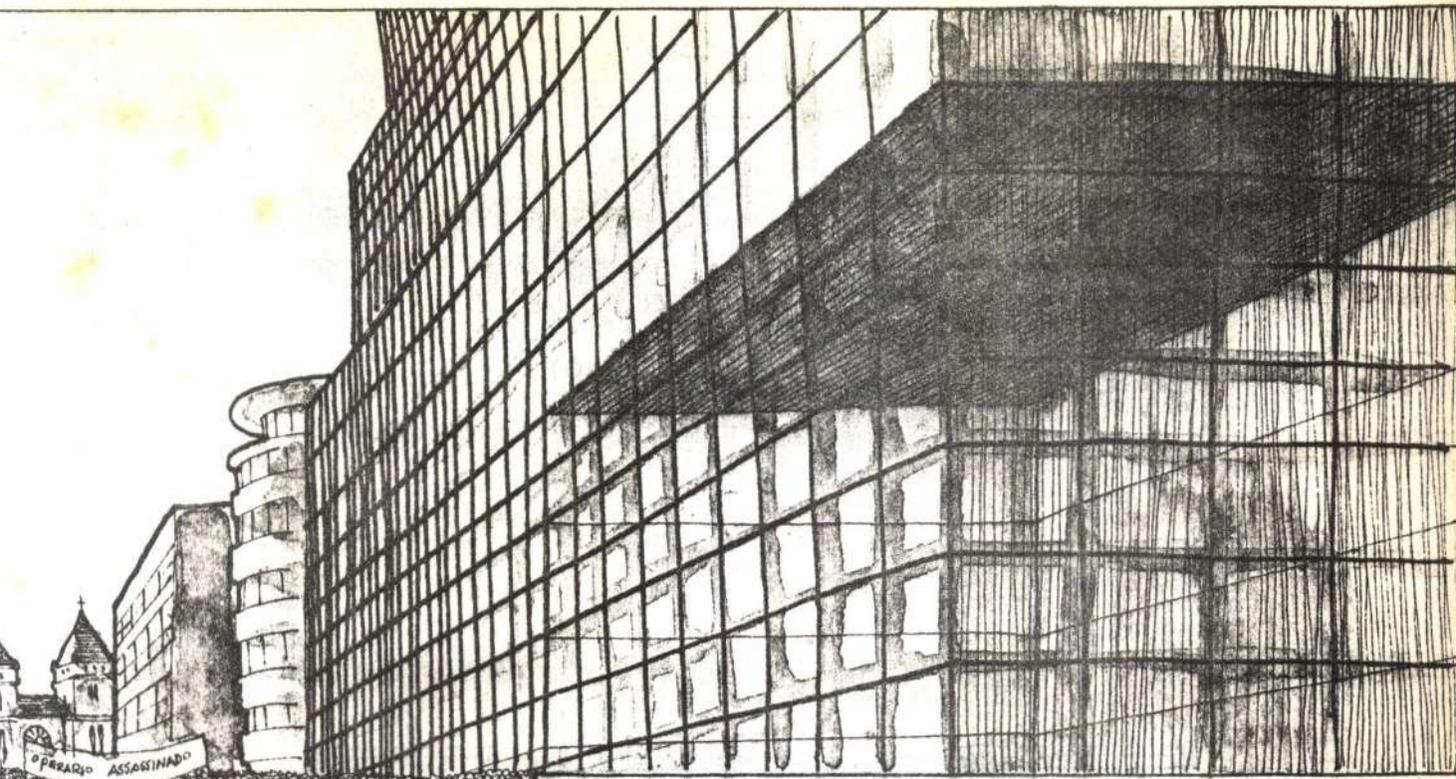
E aos berros gritava que todo mundo era assassino, que mataram um pai de família, mataram um trabalhador, mataram um operário cristão.

Vocês vão pagar por isso. O povo vai cobrar isso de vocês.

Depois devia ser uma meia-noite, meia-noite e meia, a igreja já estava lotada, o clima estava tenso. Lembro-me que me marcou muito a cena do encontro do João dos Santos Pereira, o João do Malho, com o Santo, morto. Ele que foi preso no mesmo incidente quando volta e vê o companheiro morto, começa a gritar, como louco, no meio da igreja; foi uma cena muito marcante, muito significativa para todos."

(LUÍS EDUARDO GREENGAHL)



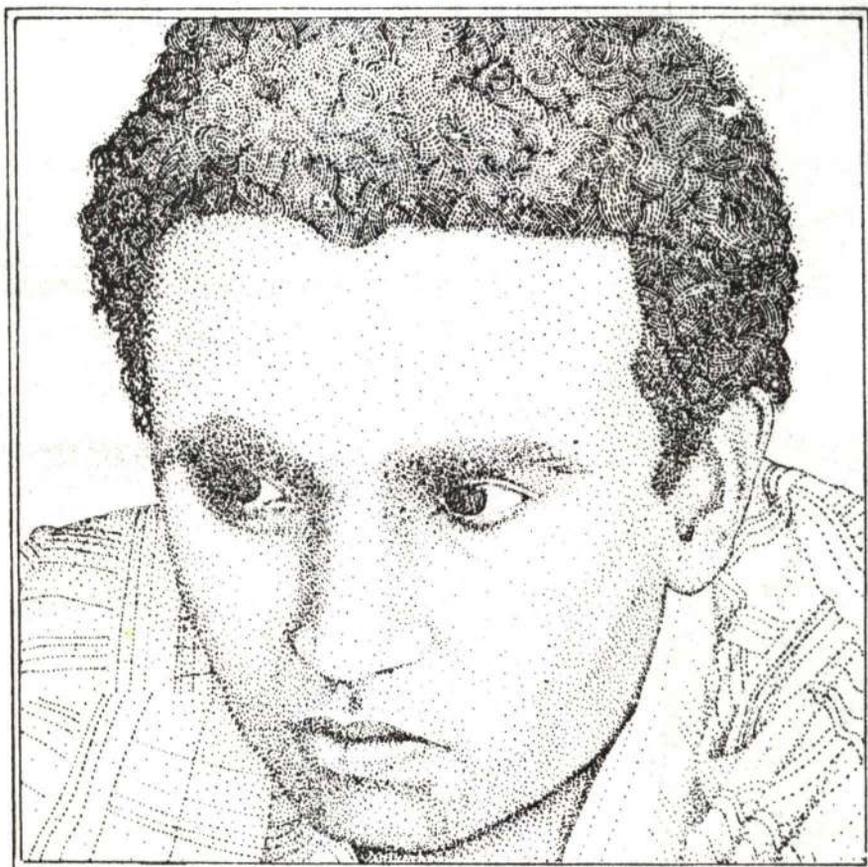


"Muita gente pensa que foi aquele elemento que puxou o gatilho, mas na verdade, por trás está uma outra história, outra versão, no próprio desenrolar do regime autoritário que se implantou de 64 pra cá. Que é a prepotência dos poderosos em manter a classe operária de boca fechada, de manter os trabalhadores de cabeça baixa, de terminar com lideranças como o Santo Dias, que começava a despertar." (JOÃO PEREIRA)

- ENTERRO -
QUADRA 38, COVA Nº 1.
Ali seria enterrado o corpo do companheiro coberto de flores e bandeiras e homenagens. Agarrados às alças do caixão, os companheiros choravam como crianças. A multidão se balançava, num avanço e recuo cadenciado. Não tinha coragem de completar o sepultamento. Pareciam querer reter infinitamente o corpo do companheiro. Sentado sobre a pedra de um sepulcro antigo, eu chorava, isolado de todos, em silêncio sem nenhum movimento, tal o tamanho da minha dor."

(JOÃO RAMOS)

"ESSA MORTE É UMA MORTE QUE DEU
VIDA A OUTRAS VIDAS."
(Fernando do Ó)





"Eu pretendo continuar nesses trabalhos existentes que tentem transformar a sociedade, esse mundo aí... até quando, não sei. Queria ver as coisas antes de morrer; votar pra presidente; sindicato na mãos de verdadeiros trabalhadores; a gente tendo as decisões, e não os patrões. É a gente brigar pelos nossos direitos, é isso que eu queria. Não acredito muito nesses partidos que estão aí, o que fazem é uma coisa tão pequena que não aparecem aos olhos do povo. Então, o povo sempre critica. Quando o povo estiver organizado, eu acredito. Quando a coisa vem de baixo, vem do fundo, a gente consegue. A mulher consegue saber que ela é mulher quando ela consegue sair de dentro de casa. Essa é a primeira coisa. Aí ela começa a enxergar, a participar e ver o seu papel na sociedade. Descobre o seu compromisso diante de uma sociedade que está aí, em frente dos olhos. Aí, ela começa a ser gente, e se valorizar. SER MULHER É SER GENTE."

(ANA - VIÚVA)



O POVO CONTINUA A LUTA!

1 - CARTILHA

Logo depois do assassinato do nosso companheiro, reunimos operários, donas de casa, e assim fizemos um pouco da história de se operário e de suas lutas. Na cartilha onde se lê expressões como essa, está contida a grande esperança do povo na sua libertação:

"A DITADURA ASSASSINA MATOU TEU CORPO, MAS TUAS IDÉIAS ELE JAMAIS PODERÁ MATAR. TUAS IDÉIAS, SANTO, ESTARÃO SEMPRE PRESENTES ONDE HOUVER UM OPERÁRIO EXPLORADO. A CLASSE OPERÁRIA SABERÁ HONRAR OS SEUS HERÓIS. TENHO CERTEZA, NÓS VINGAREMOS A TUA MORTE ATÉ A CLASSE OPERÁRIA SE LIBERTAR."

A MISSA DE 70 DIA

Tinha muita gente lotando a Catedral da Sé. Em cada pessoa a promessa de luta, e assim a certeza de que o Santo continua vivo em cada um dos companheiros, em cada um dos filhos, na sua companheira, Ana, que mesmo em sua grande dor fez seu compromisso, diante de todos de continuar a luta.

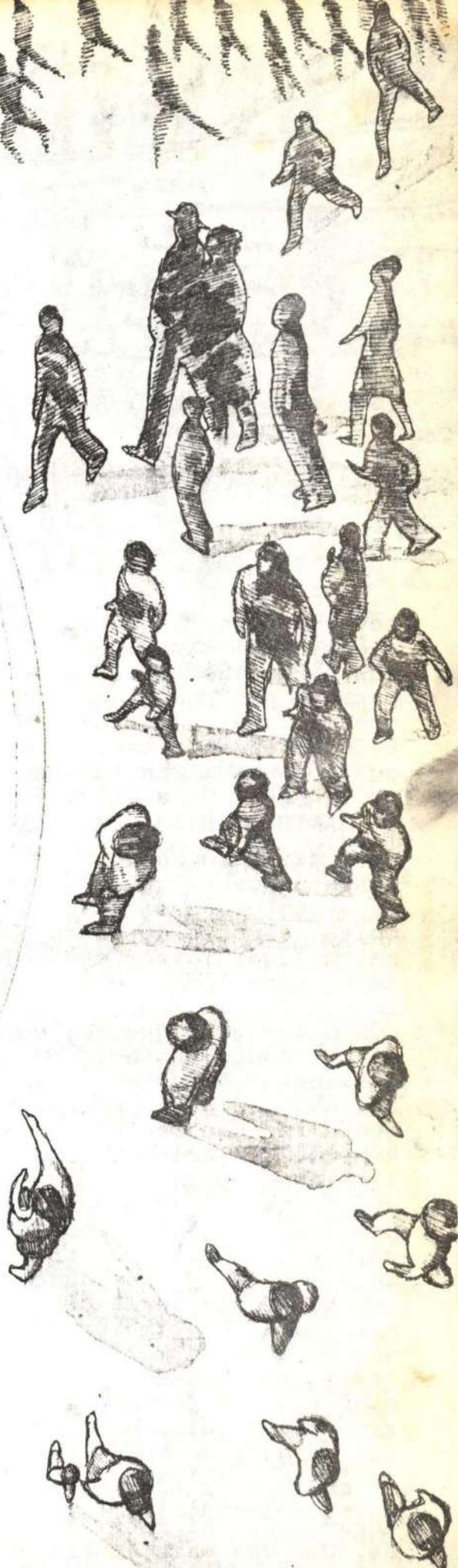
"UMA COISA EU QUERO QUE TODAS AS PESSOAS SAIBAM: O SANGUE QUE O SANTO DERRAMOU FOI EM FAVOR DA LUTA OPERÁRIA. QUE TODOS OS OPERÁRIOS QUE ACHAM QUE NÃO É CERTO MORRER ASSIM, PENSEM QUE SÓ DÁ CERTO, SÓ SE CONSEGUE AS COISAS QUANDO SE LUTA. EU SEI QUE SE ELE NÃO TIVESSE MORRIDO E TIVESSE FICADO FERIDO, ELE NÃO IA TER MEDO, IA CONTINUAR LUTANDO ATÉ A VITÓRIA FINAL DA CLASSE

SE OPERÁRIA. É PRECISO FALAR BEM ALTO PARA TODO MUNDO OUVIR, QUE A VIDA PRÁ ELE ERA A LUTA, QUE A GENTE TEM QUE LUTAR ATÉ A MORTE. SANTO DERRAMOU SEU SANGUE, MAS NÃO HÁ VITÓRIA SEM SANGUE MUITOS, MUITOS MAIS VÃO MORRER. PORQUE O GOVERNO ESTÁ ASSASSINANDO, MATANDO TAMBÉM PELA FOME, PELA EXPLORAÇÃO. O GOVERNO USA AS ARMAS, É UMA LUTA COM AS ARMAS, SÓ QUE ESSAS ARMAS ESTÃO DO LADO ERRADO. ESTÃO NAS MÃOS DOS QUE PROTEGEM OS INTERESSES DO PATRÃO, OS QUE TENTAM ESMAGAR A CLASSE OPERÁRIA. ... QUERO TAMBÉM QUE NINGUÉM ESMOREÇA, PORQUE A LUTA CONTINUA. EU CONTINUO LU TANDO ATÉ O FIM."

(Ana Maria-viúva de Santo Dias - Jornal Movimento - Novembro/79)

PERSEGUIÇÕES E INVASÃO A IGREJA

Foram grandes piquetes que acon teceram depois do assassinato do nosso companheiro Santo. Era a resposta dos operários ao as sassinato cruel. Mais de 10 mil operários em cada piquete fez crescer a luta e refazer os ânimos dos piqueteiros de greve. Mas a polícia dos patrões con tinuou com a perseguição. Não parou nas prisões, não parou ' no assassinato do companheiro. Continuou com a invasão e o sa crilégio à Igreja do Socorro. Sacrilégio com o templo, com o altar, sacrilégio, principalmen te, com o povo que estava lá. Foram bombas de gás lacrimogê nio, depredação, tudo que era possível para impor medo aos grevistas. Um operário perdeu





o dedo com uma bomba, um padre teve seu braço quebrado e a violência foi das maiores já vistas na Região Sul. O povo que passava nas ruas também foi agredido. Mais uma vez a polícia veio defender o capital estrangeiro das multinacionais.

NASCE O COMITÊ
SANTO DIAS DA SILVA

"Quer dizer: o Santo morreu e a gente percebeu que realmente, se a gente não fizesse alguma coisa, a morte do Santo em primeiro lugar ia ser esquecida. Em segundo lugar, o julgamento não ia dar em nada, ainda mais com o advogado que foi colocado no começo. Então a gente percebeu realmente a responsabilidade. O Santo morreu e a gente recebeu realmente um exemplo. Ele brigou, lutou pela classe operária, ele lutou até o fim. Movidos pelo exemplo dele, a gente achou a obrigação de continuar o trabalho dele. Então, a continuação do trabalho dele seria criar o comitê para em primeiro lugar, não esquecer a morte dele e levar esse recado para a classe operária; em segundo lugar, movimentar o julgamento para tentar de qualquer maneira que fosse feita justiça."

(VICENTE)

"Então, aí, foi reunindo pessoas. Uma vez mais, outra vez conosco. Houve várias sugestões de nome, mas foi aprovado o Comi-

tê Santo Dias da Silva, que luta pela justiça. E a partir disso, foi criado o Comitê. Passou a existir com a participação de homens, mulheres, trabalhadores, donas de casa, né?"

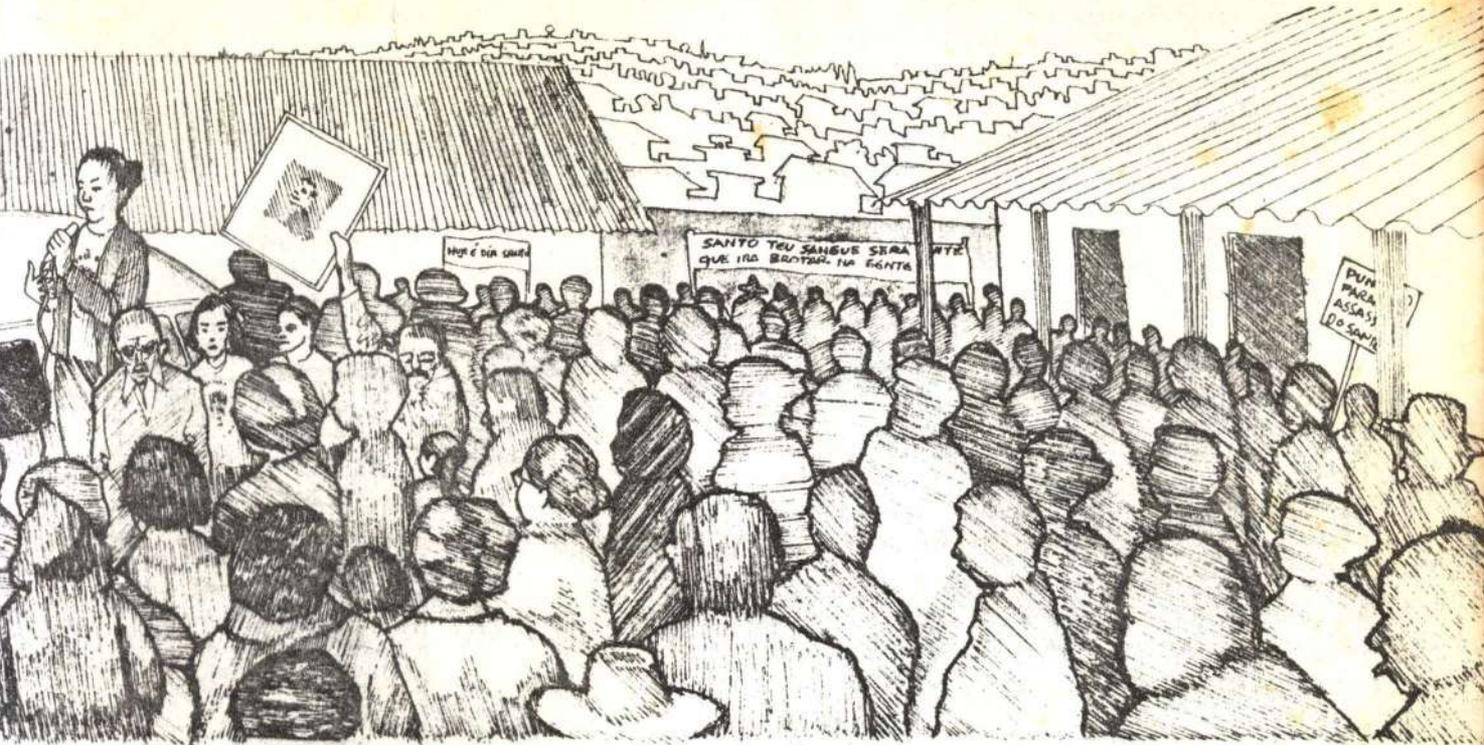
(ANA-VIÚVA)

"Para isso se reuniram seus companheiros, para isso lutaram. Para isso produziram milhares de folhetos, cartazes, fotos, camisetas, discos, que espalhados pelas bocas multiplicadas do povo, levaram a causa do Comitê Santo Dias - causa de vida eterna para o companheiro e da condenação dos matadores do povo para os mais distantes recantos do país e para o exterior. Assim, vivo permanentemente na memória dos militantes do Comitê, o companheiro renascia para todos nos grandes atos que o comitê promoveu em toda ocasião marcante: a repetição da caminhada do enterro no 1º aniversário da morte; a caminhada para o cemitério no 2º aniversário; a inauguração da Praça Santo Dias da Silva, no 3º aniversário e a Inauguração da escola Santo Dias da Silva."

(JOÃO RAMOS)

SHOW "SANTO DIAS DE LUTA"

O Show "Santo Dias de Luta" foi uma atividade muito importante do comitê. Dele participaram vários grupos populares, foi um Show de música dos mais bonitos já feitos na Região. Teve capoeira, teve música e teve mui-



tagente participando. O Santo mais uma vez permanecia vivo nos seus companheiros, que cantavam, dançavam, vivo na alegria de todos.

HOJE É DIA SANTO

No 1º aniversário, participou desse ato um grande número de pessoas. Primeiro a missa, na igreja da Consolação, onde o corpo do Santo tinha sido velado. Lá se reuniram milhares de companheiros para relembrar a vida do operário assassinado. Em seguida, o povo fez o mesmo trajeto que tinha feito no ano anterior, até a Praça da Sé, quando caminharam com o corpo sem vida do Santo. Agora o próprio Santo caminhava. Seguiu com os operários, trabalhadores, cantando, gritando a certeza da vitória final e também para ouvir a palavra de diversas pessoas, na Praça do povo. Diversas como a Ana, D. Pedro Casaldáliga.

"Eu tenho uma preocupação apenas, nesta hora da caminhada dos trabalhadores do Brasil: pelo amor de Deus, pelo sangue de nossos mártires, pela causa do povo trabalhador, pelo amor que temos a este Brasil, todos nós, os brasileiros, eu peço a vocês que não se desunam, que não permitam a divisão, que não tolerem que uma sigla, um nome, mesmo que legítimos, possam dividir a CAUSA. Lembrem sempre: a causa é o objetivo, e a serviço da causa estão o sindicato, os partidos, as comunidades, os movimentos. A causa do povo, que é a causa da justiça, a causa da igualdade e a causa da Liberdade!"

(Pedro Casaldáliga - 1º aniversário do assassinato de Santo Dias - 1 de novembro de 1979)

ESCOLA SANTO DIAS DA SILVA

O projeto do nome da escola foi defendido por alguns deputados populares. o governador Paulo Maluf vetou. A argumentação era que prã ter nome em praça, escola, essas coisas, tinha que ser professor. Aí nós falamos que o Santo era sim, era um educador do povo. E foi feita a inauguração. O povo do Guanambu, onde fica a escola, foi lá. Veio gente de outros lugares. Entregamos uma biografia do Santo, para ficar na escola, para que os estudantes conhecessem a vida do patrono de sua escola. Foram cantos, faixas, teatros e a primeira escola com o nome de um operário educador.

-- 2º ANIVERSÁRIO - 2º ANO DA MORTE

Repetimos o trajeto do próprio Santo que muitas vezes em sua vida passou pelas ruas e fãbricas que passamos até chegar ao cemitério do Campo Grande, em Santo Amaro. Eram pessoas de muitos lugares que se encontravam para relembrar que Santo, o operário de um mundo novo, estava presente. Fomos em caminhada, na frente ia tocando o som de uma caixa, lembrando um cortejo fúnebre. Chegando ao cemitério, muitas pessoas não entendiam bem aquilo. Estavam ali, num dia de finados, chorando seus mortos, nós chegamos cantando. Pouco a pouco, muitos que choravam juntaram sua dor e esperança e cantaram e rezaram com a gente. Na missa sobre o túmulo, na sauda

de dos companheiros, no povo que se juntava prá rezar, Santo prometia se perpetuar na memória dos brasileiros.

10 JULGAMENTO

A VIDA NÃO VALE NADA SE A GENTE DEIXAR QUE O ASSASSINO FUJA POR OUTRO CAMINHO E PREPARE OUTRA CILADA!

A gente entendia que o único jeito de conseguir que aquele crime fosse punido era juntar o povo e exigir justiça. Foi assim que o comitê levou o povo a acompanhar o processo, todas as audiências, sempre exigindo a punição do PM. Isso foi o que garantiu a condenação.

"A gente deveria julgar esse crime condenando o governo que não é escolhido pelo povo. Condenar esse sistema de arbitrariedade que está matando o povo. Acusando o povo de subversivo, sendo que eles são os próprios, eles que agitam, eles que matam, que somem com o pessoal. Então, eu acho que quem deve ser condenado é esse sistema que nós estamos vivendo aí. Esse governo que está aí." (ANA - VIÚVA)

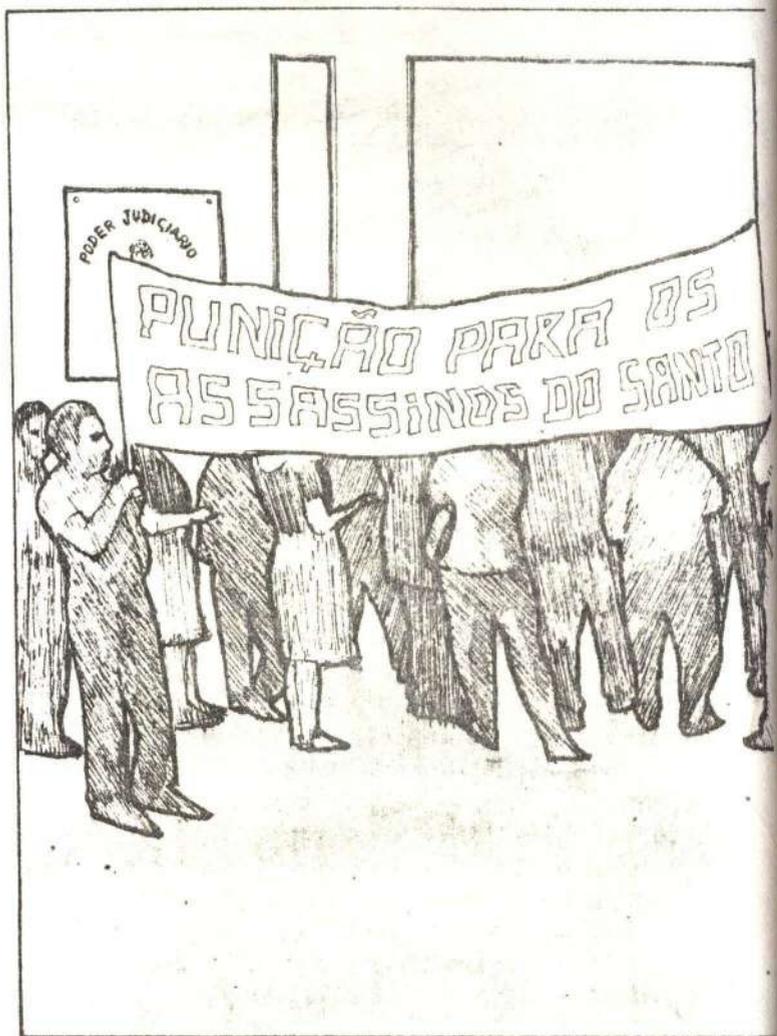
"O pessoal da imprensa vaticinava, previa, que o soldado ia ser absolvido. Então, com a imprensa contra, a gente foi pro julgamento e depois de 22 horas, conseguimos a condenação por 3 a 2 a seis anos de reclusão por infração, artigo 121, de matar alguém, contra o soldado Herculano Leonel.

Isso aí foi um resultado que eu não atribuo a minha atuação profissional, eu acho que foi o Comitê Santo Dias da Silva. O Comitê Santo Dias da Silva, a população da Zona Sul, os trabalhadores, os metalúrgicos, aqui de São Paulo, que conquistaram essa condenação, que nada mais é, que um resultado de justiça, porque não há dúvida, é inequívoco o reconhecimento do soldado, há uma absoluta certeza que foi ele que atirou." (LUÍS EDUARDO)

"Mais um fato que marcou muito, sempre vai ficar lembrado, é o pessoal de Ronda Alta, que via - jôu dia e noite e aguentaram as 24 horas junto com a gente. Outra coisa, ainda mais linda é a cruz que foi feita por eles aqui na sua chegada. Nesta cruz tinham 4 fraldas, representando

as crianças que foram mortas por causa da terra e na cruz também foi posta a fotografia do Santo." (ANA - VIÚVA)

"E houve um dia como poucos, o dia em que o assassino do Santo foi julgado. Nesse dia, as melhores forças nacionais e internacionais se uniram em torno dos acontecimentos da Rua Dr. Vila Nova. De todos os lugares chegaram moções e exigências da condenação do Herculano Leonel. O povo ali esteve, um dia e uma noite, sem arredar o pé e sem ar



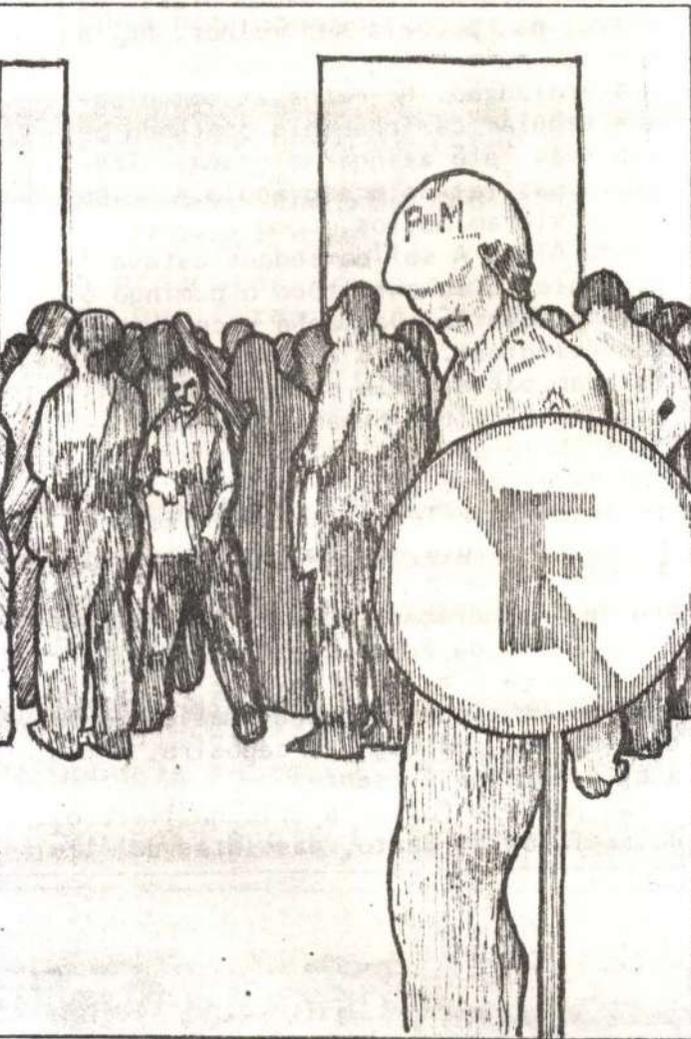
refecer o ânimo. Ali estava o Santo, vivo!

Em meio a incríveis e inacreditáveis artimanhas, a "justiça" que ria condenar a vítima, ao invés do criminoso. E o teria feito, se o próprio companheiro morto não estivesse ali para responder, pela voz dos seus continuadores, às acusações que lhe eram dirigidas. Finalmente veio a sentença - fraca, insuficiente, inadequada - porém de um valor simbólico-político inegável. A justiça reconhecia que é crime reprimir uma greve justa, que é crime matar tra-

balhador apenas porque quer viver melhor. Mais uma vez o companheiro era resgatado, colocado livre e puro diante de todos: o Santo, o operário, foi morto por ordem de autoridades constituídas, pelas mãos de um PM, porque lutava pela justiça verdadeira."

(JOÃO RAMOS)

"Está havendo um recurso. A gente sabe. Está claro, claro mesmo quem foram os assassinos do Santo. E prá que ter esse recurso? Se fosse um trabalhador, o caso do patrão que matou aquele"



empregado da metalúrgica Alfa onde o Santo trabalhava. Alguém ficou sabendo? Teve julgamento? Se ele foi condenado ou absolvido, ou sem compareceu alguma audiência? o Santo era testemunha dele contra o patrão. E daí? O que aconteceu? E por que um policial mata um operário? Todo mundo prova, tem até prova popular que ele é o assassino. O assassino está sendo punido? Ele foi preso? Eu não tenho prova."

(ANA - VIÚVA)

NOVO JULGAMENTO

Está havendo outro julgamento, novamente na "Justiça Militar", que vai provando de que lado está. O PM julgado por outros militares continua em liberdade. Houve uma audiência, onde apenas um juiz votou pedindo a absolvição do criminoso e os outros pediram mais tempo para estudar o processo. Para eles não existe provas para incriminar o réu. Para nós, porém, é muito claro que o assassino Herculano Leonel a serviço dos patrões e da ditadura militar tem que ser condenado e preso. Lutaremos por isso, mas sabemos que somente com a união de todos os trabalhadores para o fim da ditadura e com ela o fim de tantos males que afligem hoje a população brasileira, conquistaremos afinal a JUSTIÇA:

O PM foi absolvido neste novo julgamento. Natural, já que não se pode crer nessa Justiça só de nome. Além ainda levantaram hipóteses, calúnias, etc. Segundo eles, um companheiro e amigo do Santo pode ter sido o assassino. Não aceitamos e repudiamos essa versão. Continua em andamento o processo com suas várias facetas. Levaremos até o fim esse processo, para a punição do criminoso embora saibamos o que significa a falsa Justiça, que está aí prá defender interesses dos patrões, dos militares e não de toda a sociedade.



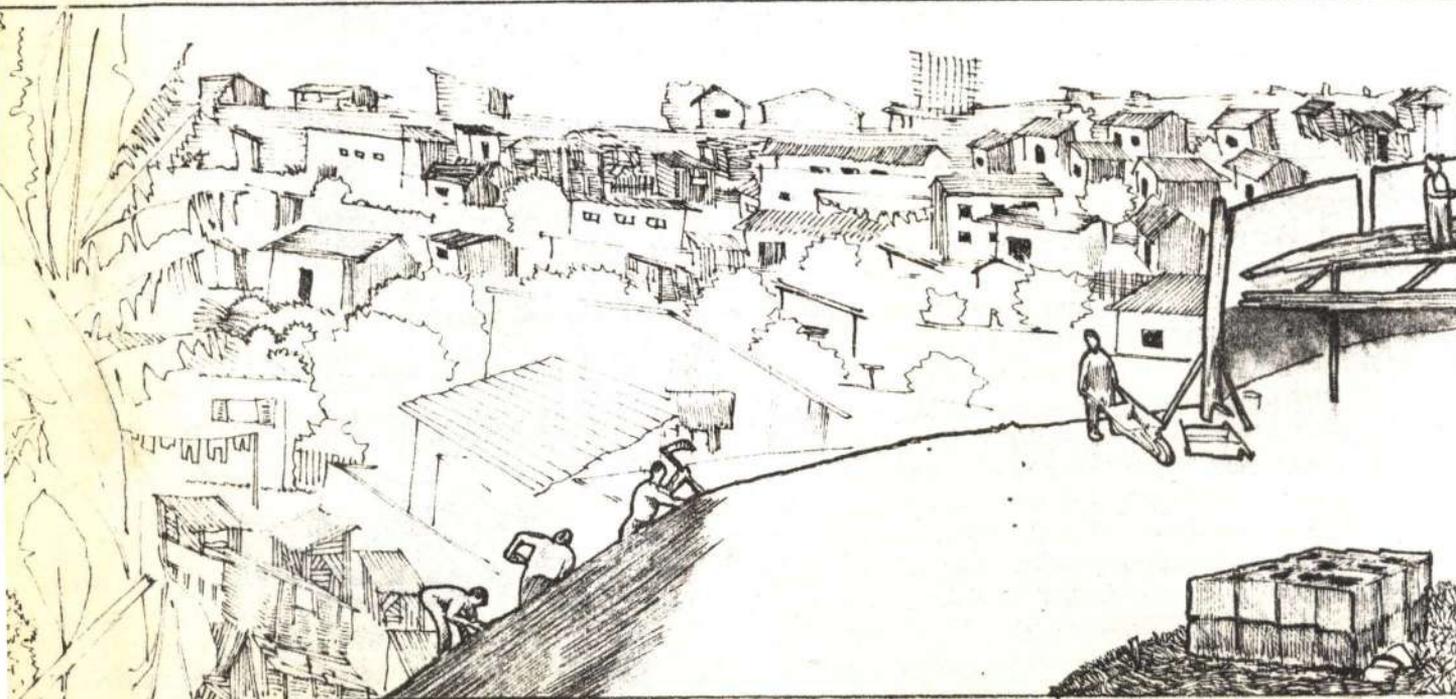
PRAÇA SANTO DIAS DA SILVA

"A gente sentiu a possibilidade de estar marcando no cenário da cidade o nome de uma pessoa, pela sua vida e pela maneira como ele terminou a sua vida, mostra todo um compromisso com a luta de libertação do operário e do povo mais sofrido de São Paulo que é um modelo, uma parcela muito representativa do Brasil. Essa praça foi construída em mutirões, a gente fez várias reuniões prá ouvir a opinião das pessoas de como deveria ser e é bom lembrar a precariedade de desse trabalho; falta de recursos, não tinha equipamento suficiente prá desenvolver todas as propostas e idéias que foram aparecendo no decorrer do processo, mas mesmo assim a gente se organizou, com os poucos recursos e, conseguiu aí; plantas e algumas mudas cedidas pela Prefeitura. Com recursos das próprias comunidades a gente comprou blocos, material de construção e fizemos um palco, uma espécie de anfiteatro ao ar livre onde a gente espera que aconteçam muitas atividades culturais e que possam estar trabalhando na conscientização do povo. E isso também é um reforço no significado da praça, que a gente ouve por aí nomes de ruas, de praças de pessoas, que não tem nada a ver com o compromisso realmente de transformação, um compromisso de vida

do povo. Acho que o nome dele na praça é prá lembrar as gerações futuras e mesmo a nossa geração, prá gente não esquecer quem foi ele, o que significou a sua morte, o que significou a vida dele e mais do que a gente tá chorando um com panheiro, a gente tem que estar se organizando cada vez mais por aquilo que ele deu a vida." (FILIPPI)

A praça estava pronta.

31/10/1982. - Agora era inaugurá-la. Está pronta mais uma homenagem. E a inauguração da Praça Santo Dias da Silva, não poderia ser melhor. Muita gente, muita alegria e muita confraternização. De manhã as comunidades seguiam caminhando e cantando pelas ruas até atingir a praça. Traziam suas faixas e seu apoio. De longe vieram muitos, como aqueles de Ronda Alta. A solidariedade estava presente. E durante todo o domingo o povo esteve lá. De manhã a celebração religiosa. Dela as comunidades tomaram parte, dela se falou do Santo, dos Direitos Humanos, dos operários. Nela se exigiu liberdade aos padres e posseiros do Araguaia, nela se gritou por Terra, nela manifestou se vivo na luta, o homenageado. À tarde houve a parte cultural do Ato de Inauguração: teatro, representado no palco da Praça Santo Dias, a luta, a força e a fé do povo de El Salvador. Houve também congada, música sertaneja, músicas de luta capoeira. Era a arte popular presente. E não poderia faltar a tribuna livre, onde se falou do Santo, das lutas de li-



bertação.

"O modelo não é realizar tudo isto, pois capacidade nós temos construímos o mundo!

É a possibilidade de se criar um mundo melhor, sem domínio, sem sofrimento, sem dor.

Onde todos possam viver em paz
Onde a paz não seja apenas um símbolo.

Um belo símbolo!

E só nós podemos querer esta vida!

E só nós podemos realizá-la!

Seus companheiros estão presentes,

Seus companheiros estão em festa,

Seus companheiros não o esqueceram.

E presentes estão todos os que foram agora roubados em suas vidas, na luta pela libertação deste povo oprimido.

EIS A PRAÇA SANTO DIAS DA SILVA!
(Ney)

SANTO E OS FILHOS

"Sempre dizia o que ele estava fazendo sobre as lutas, o trabalho contava sobre os movimentos. E, um momento assim, que eu me lembro mais que foi alguns dias an-

tes eu tinha que entregar um trabalho na escola e ele estava ajudando, apoiando. Falando que estava muito bom o trabalho. E a gente estava fazendo planos para o futuro, pré poder estudar junto, prá poder entrar no SENAI, que ele queria que eu fosse um mecânico e eu também, me engajava muito com ele prá ser um operário."

(SANTINHO - O FILHO)

"O meu pai era muito apegado a mim e eu também gostava muito de andar com ele e tal. Ele ajudava muito a gente, em todos os problemas que a gente tinha em casa. A gente conversava junto, eu, meu irmão, minha mãe. Eu ajudava muito ele, no serviço de casa, no serviço assim de fora, ajudava a organizar as coisas, plantar, fazer bastante coisa. Ele sempre tinha um tempinho prá família, prá gente, prá mim, prá passear, ir no Zoológico, essas coisas. Ele gostava muito, também, de ajudar a gente na escola, com os problemas, com as lições."

(LUCIANA - A FILHA)

SANTO E OS AMIGOS

"Lembro que ele nunca deixou de lado pessoas da Comunidade de Santa Margarida, que pela dificuldade de luta caíram fora, Ele sempre ia visitá-los. Tinha sempre uma garrafa de pinga em ci-



ma do armário e se a Ana vinha devagarzinho com o café, ele se antecipava com uma cachaça. Era alegre e aproveitava dos passeios, piqueniques, churrasquinhos, para dar uma risada, para que a vida fosse um pouco menos pesada. Dizia: Como seria bom se todo o povo, todos tivessem condições de se divertir, se é um direito que se tem. O último dia de descanso que tivemos juntos foi em setembro, me parece, de 79. Ele se divertiu à beça."

(PE. LUÍS)

"O primeiro passeio que eu fiz com o grupo do Santo foi na Praia de Bertioga, foram dias lindos que a gente passou junto, rimos muito, brincamos e conversamos bastante. Santo gostava de vez em quando de contar uma piada. Depois um outro dia que eu me lembro foi assim uma meia sur-

presa para nós, quando eu falo nós era o Luís, a Mônica e eu. Bem no início que a gente estava aqui na Vila Remo, Santo e Ana convidaram a gente para a passagem de anos juntos. Eles convidaram algumas pessoas de Santa Margarida e quando a gente chegou lá eles tinham preparado um churrasquinho, a gente fez brincadeira de amigo secreto e foram assim, algumas horas muito gostosas, e o Santo sempre com um sorriso no rosto."

(CECÍLIA)

"O último passeio foi no Parque Guapiranga. A gente vinha da Assembléia. Eu, ele, o Afonso, a Célia, o Cenerino, eu acho. Minha mãe tinha guardado alguma comida prá mim aí todo mundo comeu. Ele jogou bola, a Célia e eu. Ele era muito alegre."

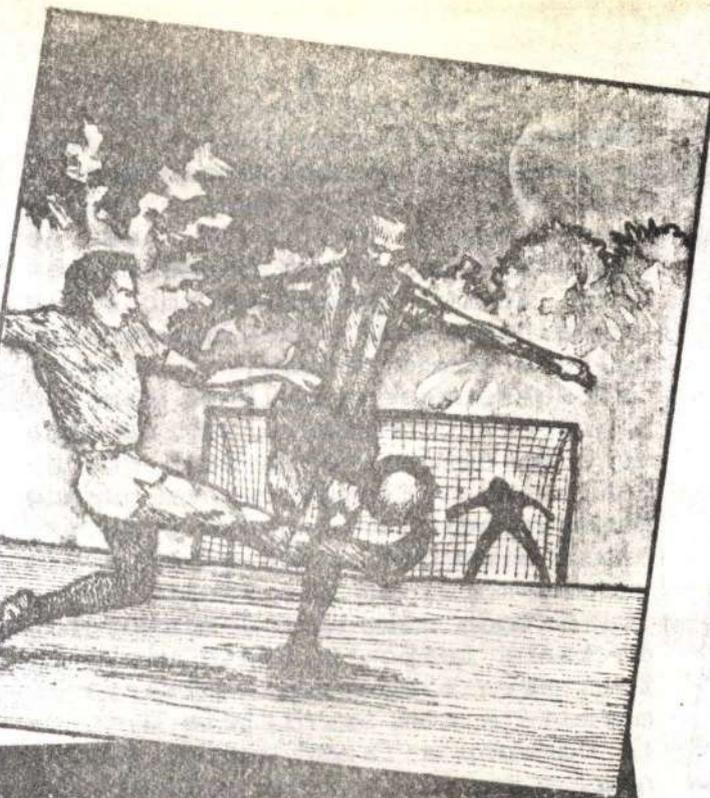
(VANDA)

"A vida e a política não é uma coisa separada. É uma coisa muito integrada. Então, por exemplo, política não é só chegar pro cara e falar: Olha, porque a ditadura, porque a classe operária... Política é ser companheiro. Estar próximo de um companheiro que está precisando de ajuda, é ser solidário, é estar sensível pro tipo de preocupação que o companheiro tem. O Santo tinha muito isso."

(OPERÁRIO METALÚRGICO)

"No dia 7 de setembro, um mês antes da morte dele, nós fomos fazer um churrasco na chácara de um amigo nosso. Éramos várias pessoas





o Santo, a Ana, a família deles e outras famílias. Ele estava lá, naquele clima descontraído, caipirinha, jogaram aí uma hora eu falei: Ô Ana, coisa que eu repetia sempre prá ela, eu gostaria de ser comadre de vocês. Comigo não dá, mas vê se vocês colaboram comigo prá eu ser comadre de vocês.

Então, ela disse assim: deixe, eu tenho que falar com o Santo. Na hora que o Santo chegou perto dela ela disse: Santo, a Edni está querendo muito ser nossa comadre, que que você acha?

Ele com aquele jeito muito característico sorrindo disse: vamos ver se dá tempo e pegou a agenda. Voltou assim... quer dizer, não deu tempo. Até hoje a gente se encontra com a Ana e se chama de comadre, de brincadeira."

(EDNI)

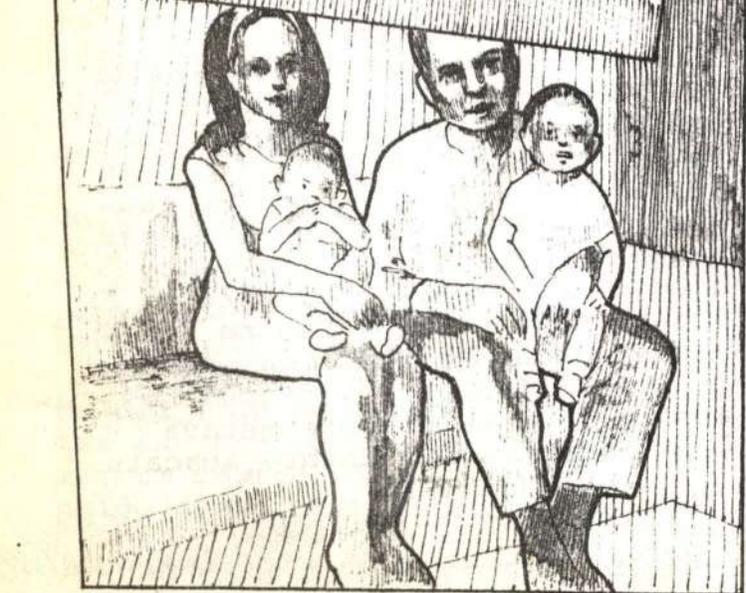
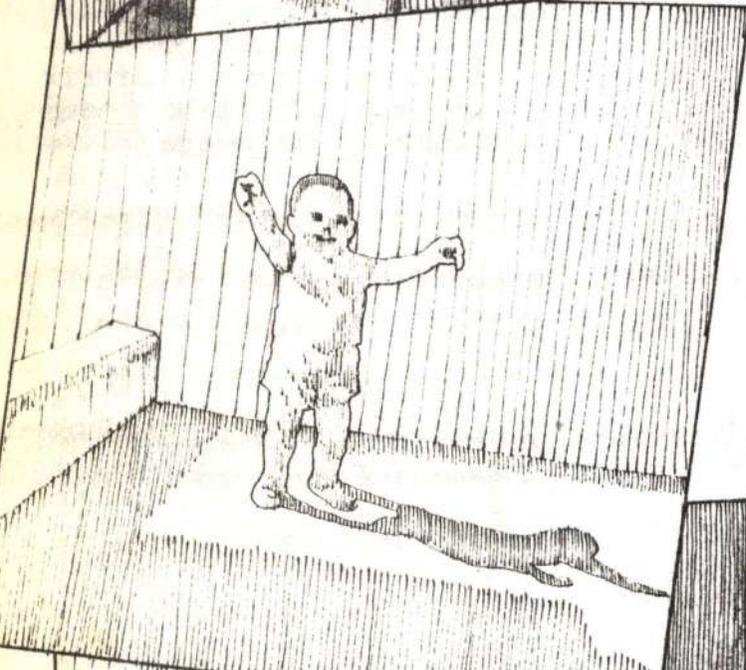
"Eu tive um problema, eu fiquei inclusive afastado uma semana de firma, por causa de minha filha que teve um problema de nascença, e foi muito doente, isso em 76, esse problema se agravou porque eu tive dívidas na firma onde eu trabalhava, porque os agiotas comeram tudo que eu tinha, eu tinha que receber o meu salário e pagar pro agiota. Foi quando Santo e outros companheiros fizeram uma articulação, eu estava devendo, naquela época, lo mil cruzeiros dentro da M.W.M.

Era dinheiro! Entende? Eles conseguiram esse dinheiro prá mim pagar esses agiotas e fui pagando aos poucos prá eles, sem juros, sem nada."

(CHACRINHA)

"E muitas vezes eu ia na casa dele e ele vinha na minha casa não prá discutir, mas porque eu gostava de ir na casa dele, e ele gostava de vir aqui, até me roubaram um pássaro preto, faz duas semanas atrás, que foi o Santo que me deu, sabe? Ele gostava muito de plantar, então me preparava mudas de abacate, sabe? Às vezes tinha o que discutir, mas de repente a gente estava discutindo como plantar abacate."

(ISTVÂN)



"Nascemos no mesmo lugar. Na mesma região. A gente se conheceu depois de um certo tempo. Eu conheci toda a família do Santo e a gente viveu junto na mesma região, trabalhávamos na roça. Ele trabalhava numa fazenda e eu trabalhava com o patrão.

... Sessenta e um, lá na Fazenda a gente se conheceu. Eu trabalhava como doméstica na casa grande da fazenda. Ele de vez em quando passava por lá. A gente começou assim e em 1965, nós casamos e viemos morar em São Paulo.

... E todo sábado e domingo, quando tinha tempo, a gente vinha tirar terra e construía. Trazia marmitta e com sacrifício a gente começou a fazer quarto e cozinha, e em 69 a gente mudou pra Santa Margarida.

O Santinho tinha 3 anos e a Luciana 2 anos.

... a gente sempre procurou dividir tudo. O Santo era muito assim de ajudar. A família já educou ele assim e então ele nunca deixou as coisas só pra mim. Quando era pra trocar as crianças, fazer a comida ele sempre dividia todo o trabalho da casa. A única coisa que ele não fazia era lavar roupa. Mas passar, pregar um botão, pra ele, não precisava eu fazer. Se ele levantava depois,

o que era muito difícil, porque eu sempre adorei, adoro dormir então ele estendia a cama. Ele dividia muito o trabalho. Era muito legal.

... em tudo o que ele fazia me levava junto. Não me deixava de fora, e eu em tudo que eu podia participar, eu participava.

Eu estava também de outro lado envolvida, porque tinha o Movimento Custo de Vida. A gente juntou o pessoal do bairro e a gente estava muito de perto com todos os movimentos. Movimento do ônibus, água, luz, creche. Então, esses movimentos eram mais liderados pelas mulheres dos bairros, com o apoio dos maridos. Principalmente nos fins de semana, uma coisa não era desligada da outra. A gente se entendia bem. Como casal. Briga, todo casal tem. A gente não era

tipo casal perfeito, porque eu acho que não existe. Mas era um casal que dava prá ir bem longe. Acho que se ele não tivesse sido morto a gente não se separava não!

Hoje o Santo faz muita falta sa be? É uma falta que eu vou ter para sempre. Esse buraco, esse espaço, vai ficar sempre aberto. A gente vai acostumando, que nem uma ferida muito grande, e-la vai crescendo e deixa aquela marca. E essa marca vai ficar enquanto eu viver. Saímos pela manhã, brincando, conversando, e quando chegou 2 horas, estava morto. Eu também acho que morri um pouco com tudo isto, sabe?

As crianças também sofreram muito. Prá mim só de lembrar aqueles momentos, eu fico triste. Foi das piores coisas que aconteceram na minha vida.

... que até agora eu não consigo concordar com essa morte. Eu não me conformo com o assassina to.

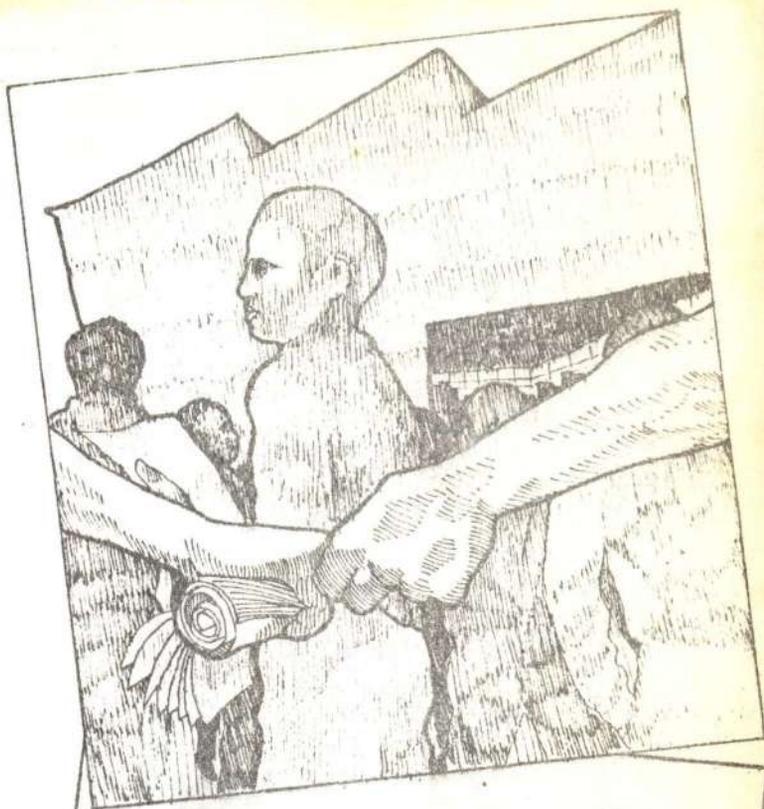
No começo eu achava que eu e o Santo nunca iríamos namorar. Por que eu achava o Santo uma pessoa muito tímida, ele tinha brigado com a namorada dele, por causa do racismo da família dela. Ela era loira, e ele negro.

O que mais me atraiu foram os olhos dele. Aqueles olhos lindos de morrer! Que ele tinha os olhos muito assim, sabe? Comunicativos. Antes dele se comunicar com as palavras ele se comunicava com os olhos. E mesmo depois de casados, eu me lembro das reuniões em que ele chegava e falava boa noite, mas depois dava aquele olhar prá mim, com os olhos tão assim, de quem diz, eu tô aqui.

No Pronto Socorro, eu encontrei ele ainda de olhos abertos e prá mim, ele através dos olhos me falou:

- Ana, eu não tou triste porque morri, a luta continua, con tinua você, porque eu não posso continuar."

(ANA - VIÚVA DE SANTO)



SANTO E A LUTA DAS MULHERES

"Foi Santo que me levou a participar da oposição, no Sindicato."
(CÉLIA)

"Quando conheci o Santo, foi através de visitas ou de encontros, que às vezes a gente tinha para discutir sobre assuntos de clube de mães. Foi na casa dele a primeira vez que encontrei com o Santo. Admirei bastante. Ele veio servir um cafézinho lá para as mulheres que estavam discutindo com a Ana. E isso me chamou atenção porque eu nunca tinha ido em nenhuma casa onde o marido vinha dar cafézinho."

(ODETE)

"Ele tinha participação naquele jornal (Jornal dos Jornais) e ele se preocupava em mandar pra nossa casa, pois era um jornalzinho bastante esclarecedor."

(MARIA JOSÉ)

"Era sagrado, a missa terminava 9:30, e em 10 minutos ele estava lá em casa. E sempre com aquele jeitinho dele, me chamando pra participar. Mas aí ele me chamava sempre em cima de alguma coisa que tava acontecendo. No Dia Internacional da Mulher, ele me chamou. Se havia alguma reunião de algum grupo de mulher ele me chamava pra ir. Depois que ele tentou me puxar pro movimento operário."

(EDNA)

"Inclusive, naquele congresso da Mulher Metalúrgica o Santo deu o maior apoio. Sabe? Às 5 e meia da manhã ele estava esperando a gente pra discutirmos e conversar sobre o dia do congresso."

(VANDA)

"Nossa! ele era o maior estimulador! A Ana é o exemplo vivo disso. Ele era uma das pessoas que entendia que a classe operária não era simplesmente aquilo que tem na fábrica. Que a mulher do operário, a mulher que sofre as consequências da própria exploração do operário, tem um papel importante, tão importante quanto o do homem. No Movimento





Custo de Vida, por exemplo! Ele dava a maior força prá gente, ajudava, colaborava, discutia, ele dava a maior importância mesmo. A gente tinha mais contato através do bairro mesmo."

(EUNICE)

"Mesmo no trabalho operário, porque também parece que quando se fala operário, fala-se em homem, mas tem muita operária. Ele sempre tinha uma preocupação, que as operárias viessem a participar. Ele trouxe muitas mulheres para a luta no movimento operário. Inclusive nessa época do Congresso, ele se preocupou mais por isso, porque ele achava que tinha que organizar."

(VANDA)

"Eu acho assim que era uma visão bem global. Porque não era assim o homem, a mulher, os filhos, a família. A família tinha que estar integrada, trabalhando, acho que era bem assim, de militar o tempo todo. Ele, naturalmente militou o tempo todo, com os filhos com as companheiras, com a mulher, eu sei que ele era ponta firme, mesmo."

(EUNICE)

A luta se espalha. Não é só em São Paulo. Não é só no Brasil. É em toda a América Latina, geradora de milhões de lutadores como Santo Dias da Silva. Um exemplo vivo disso é o que vem da mulher criadora é Domitila. Juntas as mulheres e os homens do Comitê Santo Dias da Silva e das lutas de São Paulo falaram e ouviram tudo que esse exemplo de mulher de luta nos deu, em sua visita às mulheres da Zona Sul. Essa mulher boliviana deu um pouco mais de garra a todos nós.

*"Belo é o fruto de teu ventre, mulher!
Mais belo ainda será o fruto de nossos ventres, mulheres!
De nossas cabeças, de nossas mãos, de nossa voz,
MAIS BELO AINDA SERÁ O FRUTO DE NOSSA AÇÃO!"*

*Só juntos homens e mulheres de boa vontade,
que todas as mulheres com seus namorados
Brincarão livres, correndo pelos campos da liberdade."*

(VANDA)

Hoje em São Paulo existe uma situação mais crítica do que em 1979, quando o Santo foi assassinado. O desemprego está em níveis alarmantes e não existe crescimento devido ao Capitalismo Internacional financeiro, como o F.M.I. (Fundo Monetário Internacional) - dívida externa e interna. Por outro lado, a queda de oferta de emprego é acentuada e irreversível por causa da falta de controle dos responsáveis pela implantação da AUTOMAÇÃO na Indústria brasileira (em outros países foi feita toda uma adaptação social de forma que a Automação atuasse em benefício da sociedade; aqui no Brasil a automação é prejudicial, na medida em que tira empregos e os benefícios são utilizados somente pela burguesia. A situação atual brasileira,

resultado de quase vinte anos de ditadura, é - um abismo entre o PODER DOMINANTE - (A Hegemonia do Estado) e a sociedade civil, o Povo. Por causa desse abismo entre o poder e o povo é que existe cada vez mais miséria, que é o preço que está sendo pago - por uma má distribuição social.

A única forma de conseguir uma transformação é o povo se organizando,

de baixo pra cima, desde a organização dos bairros e nas fábricas, até a organização geral.

E a verdadeira organização é consequência da conscientização.

É fundamental para todos nós, educadores populares, isto é: divulgadores, permanentes de uma transformação, por que não existe libertação sem um povo consciente.

O mundo hoje, aqui em São Paulo, está ainda bem pior do que no tempo do Santo. Há muita miséria, fome e desemprego. Matam a gente de inanição, falta de saúde, cansaço de tanto trabalhar. Ou nos matam a tiros, usando sempre violência; ou a gente vai junto, construindo nosso caminho; ou vai morrendo um por um, depressa ou devagarinho. Como vai acontecendo hoje em dia...



"... NÓS NÃO PERDEMOS SÓ O SANTO NESTE TRABALHO, NÓS PERDEMOS FOI CENTENAS DE COMPANHEIROS, E PODEMOS CITAR COMO EXEMPLO O COMPANHEIRO MANOEL FIEL FILHO, O COMPANHEIRO SALVADOR TOREZEN, O COMPANHEIRO OLAVO HANSEN, NÓS PODERÍAMOS CITAR OUTROS NOMES DE OUTROS COMPANHEIROS QUE TOMBARAM NESTA LUTA." (Antonio Flores)

Poderíamos citar também muitos outros como Orocílio Martins, assassinado antes mesmo do companheiro Santo, em Belo Horizonte, José Guido, operário de Minas Gerais, Raimundo Ferreira Lima, o Gringo, lavrador de Conceição de Araguaia, Avelino Ribeiro, lavrador de Santarém, Wilson de Souza Pinheiro, também lavrador, Angelo Kretã, Índio Simão Bororo, por defender a liberdade dos índios,

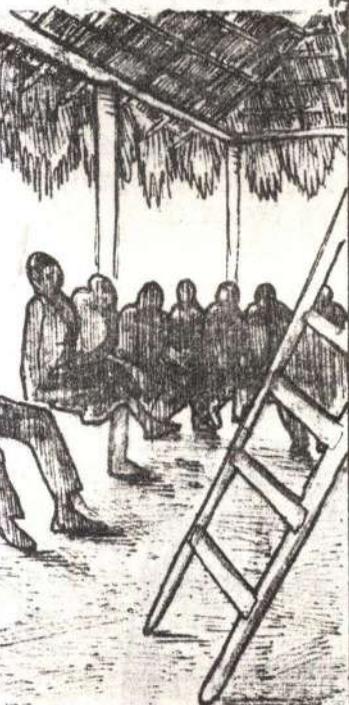
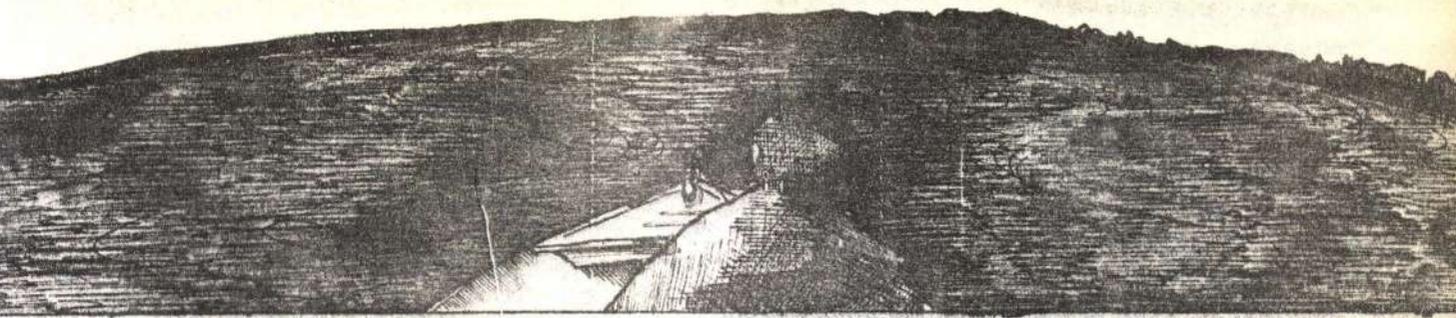
Pe. João Bosco, Rodolfo Lukembain pela igreja - nova, e na mais forte repressão, - Aurora Maria do Nascimento, Pedro Pomar, Alexandre Vanucchi Leme, o jornalista Vladimir Herzog e Frei Tito de Alencar. Mais recentemente o advogado Gabriel, morto nas terras do Araguaia, por defender a justiça, e Margarida Alves, presidenta do Sindicato dos Lavradores de Alagoa Grande, Paraíba.

Inúmeros outros anônimos que sumiram, foram torturados até a morte, enlouquecidos, os quais não temos nomes, nem datas.

E também os que foram trucidados no mundo na luta pela liberdade.

"TEM MILHARES DE PESSOAS QUE ESTÃO MORRENDO, MILHARES DE PESSOAS QUE MORREM A CADA DIA, DE RESISTÊNCIA, NÃO SÓ NO BRASIL MAS NO MUNDO INTEIRO. NO CASO DA ARGENTINA, TEM MILHARES DE DESAPARECIDOS. ... NO BRASIL TAMBÉM SÃO MILHARES QUE MORREM. PRA TODO MUNDO TER UMA IDÉIA, DE MIL CRIANÇAS QUE NASCEM, CENTENAS MORREM ANTES DE UM ANO DE IDADE. SÃO CRIANÇAS QUE MORREM PELA MÃO DA DITADURA, PELA MÃO DOS PATRÕES."

(FERNANDO DO Ó)



O AMIGO SANTO FOI ASSASSINADO PE-
LAS IDEIAS QUE CARREGAVA

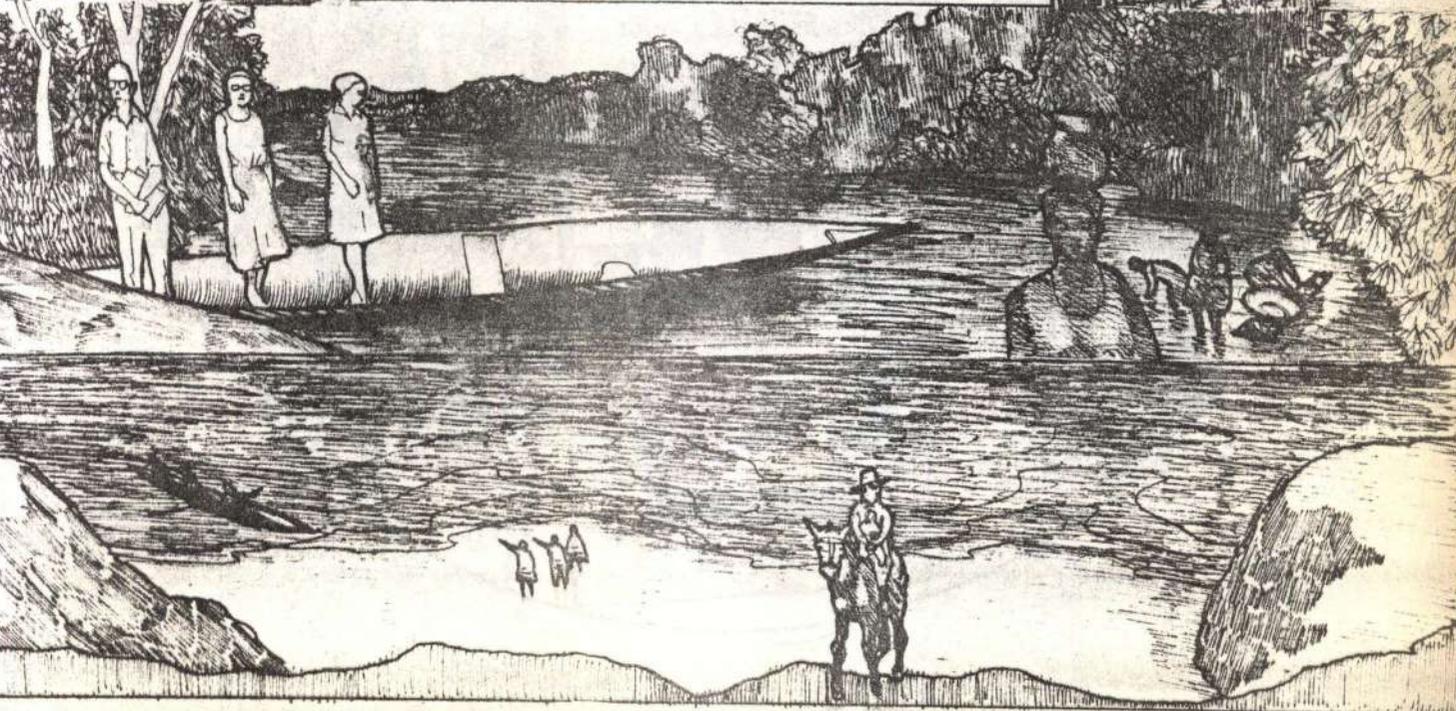
São Mateus 6,24

Olhos e corações puros

*Ninguém pode servir a dois senho-
res,
porque ou há de aborrecer a um e
amar outro,
ou há de acomodar-se a este,
e desprezar aquele.*

*Não podeis servir à Deus
e às Riquezas.*

*"A Terra do homem, não é de Deus
nem do Diabo."*



A luta se espalha também no Brasil. O Comitê Santo Dias da Silva levou sua mensagem e conheceu a realidade de Santarém, Pará. Lá também os companheiros formaram o Comitê Avelino Ribeiro, seguindo o exemplo do Comitê Santo Dias da Silva. Ribeirão Bonito e São Félix do Araguaia (Mato Grosso, foi palco de um grande encontro entre pessoas do Comitê Santo Dias e o povo de lá e de outros lugares do Brasil. Houve trocas de grandes experiências, na comemoração de 10 anos de Prelazia e 5 anos do assassinato do Padre João Bosco Penido Burnier assassinado a 11 de junho de 1977. Também Conceição do Araguaia (Mato Grosso) onde foi assassinado o líder camponês Raimundo Ferreira Lima, houve a solidariedade na dor e na esperança. Ana, mulher do operário Santo Dias comungou c/ Oneide, mulher do lavrador Raimundo, vítima do mesmo crime.

Também no Rio Grande do Sul o povo conhecia o Santo. Todos estavam solidários com sua luta. Em cada casa uma fotografia, mostrando que prá eles, Santo permanece. Enfim, vários estados do Brasil, o companheiro é conhecido, sua história está marcada. Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro, Paraná. Todos procuram se unir na luta por um mundo justo.

A luta não surge somente no Brasil. A luta acontece no mundo todo, principalmente em nossa América Latina. Por isso o Comitê Santo Dias da Silva tem apoiado e sido apoiado pelo povo até de outros países, com palavras, telegramas de apoio e até visitas de irmãos de nossa terra, a América, como foi a de Adolfo Peres Esquivel, Prêmio Nobel da Paz, natural da Argentina. Também companheiros da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional de El Salvador. Aqui buscaram



apoio pras suas lutas e nos deram seu apoio. As guerrilhas continuam crescendo e a luta do povo de El Salvador, cada vez mais firme. D. Oscar Romero continua vivo na memória do povo salvadorenho. Acreditamos na sua vitória. Nica rágua também nós conversamos. Como Sândino e Santo, eles tiveram milhares de pessoas que morreram no campo de combate. Também pessoas do povo, na Europa, conhecem e divulgam o caso Santo Dias. Prova que ninguém segura o povo que luta pela liberdade.

COMITE SANTO DIAS DA SILVA

A existência do Comitê Santo Dias da Silva só terá sentido com a participação de todos. Temos ainda uma grande obra a desempenhar que é os seus principais objetivos:

- MANTER VIVA A MEMÓRIA DO SANTO, LEMBRAR DE SUA HISTÓRIA A TODOS.

- MANTER VIVA A MEMÓRIA DE TANTOS OUTROS COMPANHEIROS QUE MUITAS VEZES MAL CONHECEMOS O NOME, MAS SABEMOS QUE FORAM ASSASSINADOS NA BUSCA DA JUSTIÇA.

- CONTINUAR LUTANDO CONTRA A REPRESSÃO POIS SABEMOS QUE O SANTO NÃO FOI O PRIMEIRO NEM SERÁ O ÚLTIMO.

O nosso povo, o operário, o camponês, o índio, continua sendo perseguido e assassinado, onde quer que ele nasça, é uma lista interminável.

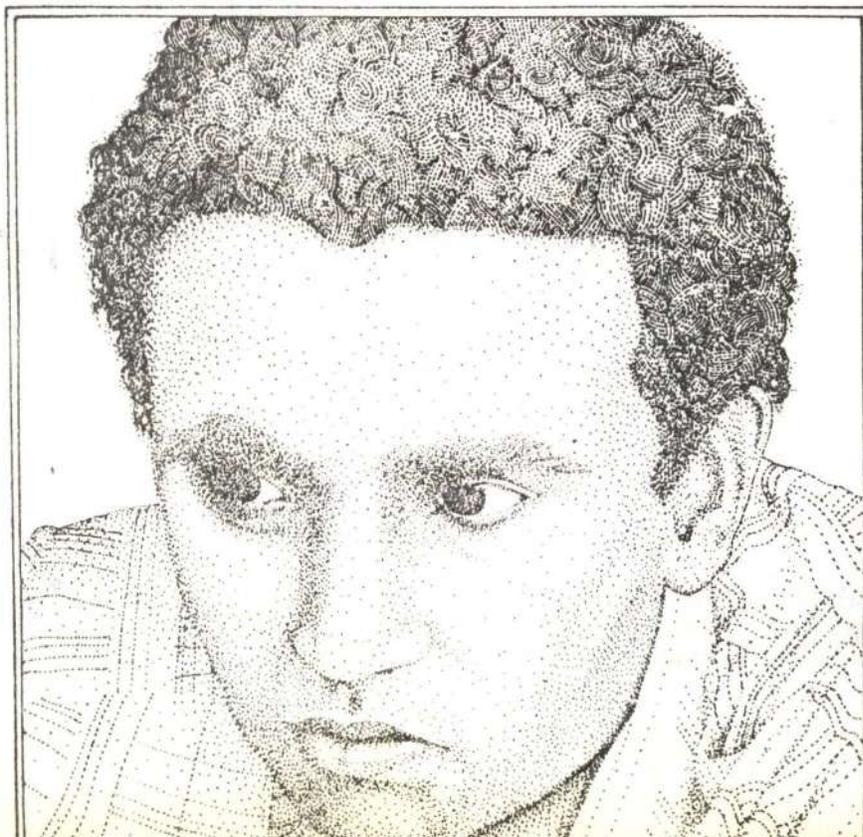
- CONTINUAR LUTANDO PELA CONDENAÇÃO DO RÉU, PARA QUE SE TORNE PÚBLICO QUE OS MANDANTES DESSE CRIME NÃO SÃO OUTROS SENÃO O GOVERNO E OS PATRÕES.

- E, principalmente, o objetivo do Comitê é: MOVIDOS PELO EXEMPLO DO SAN -

TO DIAS E DE TODOS OS ASSASSINADOS NESTA LUTA, SEGUIR EM FRENTE NO TRABALHO DOS BAIRROS, DAS FÁBRICAS, DO SINDICATO, DAS RUAS, PORQUE A LUTA CONTINUA. Porém essa luta é muito grande. Não depende somente do Comitê Santo Dias, mas de todo o povo brasileiro. Podemos colaborar no entanto, com uma parte disso. Temos várias idéias sobre a continuidade de nosso trabalho. Temos filmes, podemos promover debates, manter um trabalho cultural, a nível de fábricas e de bairros, apoiar mais os trabalhos já existentes no campo e na cidade, enfim, uma série de atividades para fortalecer e fazer crescer os movimentos dos trabalhadores brasileiros.

E OS SANTOS SE MULTIPLICARÃO.

"Sua vida e sua morte trazem uma mensagem de esperança aos oprimidos e humilhados: Condenados à fome, os operários protestarão com a greve, silenciados pela repressão, eles ocuparão as ruas e as praças, presos, os oprimidos ganharão mais força para continuar a luta; perseguidos, os operários se encherão de coragem; assassinados, eles se multiplicarão numa multidão viva e combativa. Um operário que tomba na luta faz nascer mil operários com a mesma causa de liberdade e dignidade."



M E N S A G E N S

"Nunca vai se apagar essa marca que ele deixou, não só para mim, mas para todos os companheiros que acreditam na luta dele. O que ele pensava, não só passava na cabeça dele, mas de todos os companheiros."

(ANA)

"Temos que continuar a luta do Santo que é o mais importante de tudo é a MAIOR HOMENAGEM."

(GILDA)

"O Santo e muitos outros que foram assassinados são estímulos para os companheiros que estão na luta, no momento de esmorecimento, de incerteza, mas que nunca perderam a esperança."

(ROSSI)

"O que o Santo foi e representou deveria estar sempre fresco na memória de todo o mundo."

(CONRADO)

"... O trabalho que ele fazia, era um trabalho bonito, um trabalho bom. Um trabalho de conscientização."

(SEBASTIÃO DIAS DA SILVA)

"O ideal do Comitê Santo Dias... é buscar justiça em todos os níveis, toda a opressão que sofre a classe trabalhadora."

(EDNA)

"Nesses últimos tempos tem sido muito difícil tudo... principalmente você conseguir uma participação mais política com tantas divisões. Para mim o que fiz de melhor foi participar do Comitê."

(MARIA JOSÉ)

"A MISSA SÓ TEM SENTIDO QUANDO LEVA DA PRÁ FORA."

(De Santo para Maria Alice)

"A PRESENÇA DELE É A VIDA DA GENTE"

(Sr. Pedro)

"O Santo foi um companheiro que realmente não pode cair no esquecimento, por isso eu acho que todas as lutas que se desenvolverem enquanto operário o nome do Santo será lembrado."

(CHICO VIOLA)

"Ele foi um cara que deixou um caminho certo, e agente tem que seguir este caminho, dar continuidade, ele foi como uma luz."

(CENERINO)

"... juntos nós recordamos todo o nosso passado"

(DITA)

"Ele pregou o verdadeiro Evangelho de Cristo"

(JOSÉ CARLOS-STA.MARGARIDA)

"Lutador em favor dos companheiros, tanto que deu a sua própria vida."

(CARLITO E CIDA)

"O Comitê Santo Dias da Silva é o próprio desdobramento da luta da classe operária incorporada pelo Santo e de ambos recebemos garra e certeza da vitória nesta luta pela libertação."

(NEY PIRES DE AZEVEDO)

"A gente não tava pedindo o poder naquele momento e foi duramente reprimido e foi assassinado companheiro nosso e aí eu começo a pensar quando chegar o momento que a gente começar a exigir o poder."

(JORGE)

"E a gente naquela época fazia reuniões por fábricas, era uma luta que ele tinha e que hoje nós não levamos,"

(CHACRINHA)

"Então nós começamos a puxar uma reza e ficamos emocionados, e nunca deu para ir além da AVE MARIA CHEIA DE GRAÇA." (Pe. PEDRO - junto ao corpo do Santo no Pronto Socorro)

"Aí começamos a questionar, se esse tipo de presença alheios ao movimento operário, se isso ajudava ou atrapalhava num momento desse. Nós conversando assim e o Santo disse:

OLHA, deu um sorriso muito tranquilo e disse assim:

OLHA, A GENTE AINDA ESTÁ APREDENDO!"

(EDNI)

"Nós fazemos igual ao homem que vende a loteria federal. Olha o cachorro, a cobra, o gato, o macaco e o cara compra se quiser. Nós também vamos lá na firma e falamos. Nós temos que fazer greve porque o salário tá baixo, e isso e aquilo e vai quem quiser. Nós não estamos agredindo ninguém mas é um dever nosso fazer isso com a nossa categoria." (OLÍMPIO)

"Ele tinha idéia bem clara de um socialismo, não um socialismo de palavras e de radicalismo barato, mas um socialismo de compromisso com a classe operária. Este é o testemunho que vocês vão encontrar em todas as fábricas em que Santo Dias passou."

(JOÃO PEREIRA)

"Que essa história ensine aos militantes para não se decepcionarem com a morte do companheiro. Mas que essa morte sirva de exemplo de uma firmeza clara do avanço de nossa luta."

(ANTÍZIO)

"Lembro agora também de Margarida Alves. Camponesa, mãe, mulher. Ela foi assassinada, por capangas de fazendeiros, na Paraíba, pois carregava em si a força da liberdade pela qual agia, a força

do direito, a certeza da libertação. Lembro do Santo, companheiro de porta de fábrica, de sindicato, de passeios, de alegria. Lembro de tantos assassinados pela mesma causa, e sinto que temos que lutar sempre, até a liberdade!"

(VANDA)

"A mensagem que ele deixou pra gente é que não podemos ficar parados, que se a gente ficar a coisa só pode piorar."

(CÉLIA)

"O principal é organizar a classe operária. Deixar de lado um pouco talvez as idéias fixas que nós temos na cabeça, abrir mão e tentar colocar dentro de nossa cabeça essa preocupação principal."

(VICENTE)

"A união e a força e a organização é a base. A comissão de fábrica é a organização no local de trabalho. Quando ela é fruto da participação livre e soberana da classe operária, ela ajuda a recuperar a dignidade dos trabalhadores como seres humanos."

Obrigado, SANTO.

(OIRAM)

"É a morte dele ressurgiu muitas NOVAS VIDAS, e ele é a grande esperança na nossa caminhada de LIBERTAÇÃO."

(CECÍLIA)

"E acho muito bom assim, essas comemorações que fazem pra ele, a inauguração da escola, da praça, que é sinal que muita gente ainda lembra dele."

(LUCIANA - A FILHA)

"E, tudo isso que aconteceu depois, a Inauguração da praça, a vila com o nome dele, livros, discos, tudo isso me transmitiu muita força e mostra pra gente que ele ainda não morreu, que ele está aí no povo."

(SANTINHO - O FILHO)

"Ninguém vai mais apagar da História do Brasil o nome do Santo. E isso compete a nós, inclusive."

(IRMA)

"A gente tem que ter esperança e fé, e ele mostrou com a própria vida."

(ODETE)

"E hoje a gente vê aí depois da morte do Santo todo esse movimento que aparece aí em nome do Santo, esta praça inaugurada em nome do Santo. E todo esse trabalho que aparece aí, e cada dia aparece mais trabalho em nome do Santo. Eu acho que o Santo deixou muita coisa aí pra gente."

(ANTONIO MARQUES)

"Plantou-se hoje uma semente, a semente da libertação, que vai nascer, que vai crescer, e que haverá de florescer, e os frutos não serão colhidos talvez por mim mas por aqueles que virão depois de mim."

(FABIANO)

"Porque ele queria aquela força de ajudar o irmão, e ele não conseguiu, mais ele está no meio de nós, porque ele tá dando uma força total ao trabalhador, ele tá assim, sabe, ele não tá aqui agora mas ele pode sentir o que eu sinto em querer ajudar o meu irmão."

(RUTH DE OLIVEIRA)

"Eu acho que o sangue do Santo está regando uma semente, assim como o do Gringo, do Wilson de Souza Pinheiro."

(LUÍS EDUARDO)

"O ponto que mais marcou, foi que para mim o Santo era como um irmão."

(JOSÉ LUIZ)

"Nesse país o Santo tem que ser resgatado como líder da classe operária, como líder sindicalista, como mártir da classe operária."

(AURÉLIO PERES)

"... amar é... uma palavra tão fácil para muita gente né, mas amar pra mim é tão profundo que muitas vezes a gente morre pela própria pessoa, pela causa. Então isso acho que é o amor mais digno que tem, é a gente ter coragem de morrer pela causa da libertação do ser humano."

(FERNANDO DO Ó)

"Que essa revista seja realmente algo que possa vir a ajudar, a educar o trabalhador brasileiro, a conscientizar o trabalhador brasileiro, porque só com o trabalhador brasileiro consciente é que nós vamos poder dar a nossos filhos dias melhores."

(ANTONIO FLORES)

"O SANTO É UM REVOLUCIONÁRIO DE UM MUNDO NOVO, SEM PATRÕES E SEM ESCRAVOS."

(Pe. LUÍS)

"Existem algumas pessoas que sabem ensinar grandes coisas pela sua vida, como por exemplo, ser coerente, simples, generoso, alegre no meio da luta. Santo era uma dessas pessoas. Ele nos ensinou o valor evangélico de se comprometer com os pobres, os oprimidos, os operários. Jamais vamos esquecer deste homem."

(Pe. GUILHERME)

"Ele levava junto a missão de unir, e quando na greve me perguntaram, o que era mais importante, entre tudo, eu respondi aquilo que o Santo sempre dizia: UNIR OS OPERÁRIOS E NUNCA PERMITIR QUE HAJA SEPARAÇÃO, QUE HAJA DESUNIÃO."

(D. PAULO EVARISTO)

"Irmãos trabalhadores da cidade! Este país, este continente, este mundo, mudará no dia em que todos os trabalhadores entendam que o trabalho é um só como é um só o capital. Que os braços dos lavradores e os braços dos operários são a mesma carne do povo. Que a esperança do homem da roça e a esperança do homem da máquina é a

mesma esperança."

(DISCURSO DE D. PEDRO CASALDÁLIGA
NO ATO PÚBLICO DO 1º ANIVERSÁRIO
DO ASSASSINATO DO SANTO - 1 DE NO
VEMBRO DE 1980.)

"Quando o oprimido se levanta para de-
fender o que é seu, a sua terra, o
seu salário, a liberdade sindical...

A repressão come solta...

Está na lógica do regime!

Mas o povo já perdeu o medo e vai aos
poucos impondo sua vontade de justiça
e liberdade. O exemplo de Santo Dias
virou bandeira em São Paulo especial -
mente e no Araguaia o povo continua a
impor sua reforma agrária.

Já está ocupando mais de 300.000 hecta-
res e está aí a maior homenagem, pres-
tada ao Gringo, assassinado pelo lati-
fúndio, aos mais de 10 companheiros
que tomaram sob as balas dos pistolei-
ros e a nossa turma de 15 presos."

(Brasília, 17/12/83)

(DA PRISÃO ARISTIDES E CHICO)

"Santos Dias do mais forte santo
que compra compra compra compra
céu terra inferno governo

compra a vida e compra morte

E também comprou o dia santo:

30 DE OUTUBRO DE 1979

dia do homem dia da coisa em que
a bala estilhaça a justiça em poesia

profana

assassinando

um que era mais pai e marido que
Espírito Santo

Era Santo que morre e morto
ressucita noutro nome: Da Silva
e em todos nós

suscita outra fome
de cobrar justiça da injustiça
de ser homem

(GÉKSON NEY FRANÇA - novembro/79)

DIA DOS FINADOS -

"SOMOS O SANTO DIAS, INVENCÍVEL,
SUAS MÃOS, A COR DE SUA PELE,
SOMOS TEU SANGUE ESPALHADO NAS
RUAS DO SOCORRO

VERMELHO

COMO BANDEIRA

SOMOS O VENTO, A ÁGUA, E O SAL DA
TERRA

SOMOS AS SEMENTES QUE GERMINAM

E SOMOS OS FRUTOS MADUROS

SOMOS A IDÉIA ETERNA DA VITÓRIA

E SOMOS AS BRASAS

DESTA FORNALHA

ARDENDO

APRENDEI DE UMA VEZ

PATRÕES, GENERAIS E PELEGOS:

- NUNCA MORREMOS -

POIS SOMOS A ALMA DO POVO BRASILEIRO.

(ZÉ CARLOS)

QUE NÓS POSSAMOS REFLETIR SOBRE O EXEMPLO DE VIDA DO COMPANHEIRO SANTO DIAS DA SILVA, NÃO PARA O IMITAR, MAS PARA TIRAR LIÇÕES PARA A LUTA CONCRETA DE NOS SO DIA A DIA NO BAIRRO, NA FÁBRICA, NO SINDICATO (QUE SEJA LIVRE), NA CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES, NA LUTA POR ELEIÇÕES DIRETAS, NA LUTA PELO FIM DA DITADURA MILITAR, PELO FIM DA DOMINAÇÃO ESTRANGEIRA EM NOSSO PAÍS, CONTRA O ARMAMENTO DAS GRANDES POTÊNCIAS, ENFIM NA LUTA PELA PAZ VERDADEIRA DA HUMANIDADE.

AGRADECEMOS A TODOS AQUELES QUE COM SEUS DEPOIMENTOS, SEUS ESCRITOS, COLABORARAM DE VÁRIAS MANEIRAS PARA A REALIZAÇÃO DESSA REVISTA.

PESQUISAMOS ALGUNS DEPOIMENTOS EM ARTIGOS QUE JÁ TINHAM SIDO PUBLICADO ANTES. NO CASO DO DEPOIMENTO DO SANTO; RETIRAMOS DO LIVRO "Por que Mataram Santo Dias?" DE PAOLO NOSELLA.

TAMBÉM RECOLHEMOS DEPOIMENTOS DO JORNAL MOVIMENTO, POR ISSO AGRADECEMOS AOS QUE TRABALHARAM NESSE E EM OUTROS MOMENTOS PARA QUE A HISTÓRIA DE UM OPERÁRIO CONSCIENTE DE SEU PAPEL DECISIVO NA CONTINUIDADE DA VIDA DO HOMEM PUDESSE SER ESCRITA.

QUE TODOS POSSAMOS REFLETIR SOBRE O COMPANHEIRO SANTO, O AMIGO SANTO, O PAI SANTO, E O GRANDE LUTADOR PELA CAUSA OPERÁRIA E POPULAR, SANTO.

ASSIM REFLETIREMOS SOBRE UMA PARTE EXPRESSIVA DO MOVIMENTO POPULAR DE UMA ÉPOCA, QUE NOS AJUDARÁ NA BUSCA DE ALGUNS CAMINHOS PARA O MOVIMENTO DE HOJE. ASSIM PERMANECEREMOS FIEIS AOS COMPANHEIROS JÁ MORTOS QUE LUTARAM PELA LIBERDADE, REFLETINDO, DISCUTINDO, E AGINDO; PARA QUE A VITÓRIA NOSSA CHEGUE UM DIA, E QUE A HUMANIDADE NÃO CHORE MAIS, MAS SIM VIVA ALEGREMENTE AS MARAVILHAS QUE A NATUREZA PODE NOS OFERECER.

COMITÊ SANTO DIAS DA SILVA.

REGIONAL NORTE

Escritório de Belém
Rua Bernal do Couto, 1.329
66000 - Belém - PA
(091) 222-0318

Escritório de Santarém
Av. Curuá-Una, 1.370
68100 - Santarém - PA
(091) 522-1764

ESCRITÓRIO DE ABAETETUBA

Rua Siqueira Mendes, 1.640
68440 - Abaetetuba - PA
Escritório de Salgado/Bragantina
Rua Barão do Rio Branco, 3.098
1º andar - sala 105-A
68745 - Castanhal - PA

Escritório de São Luís
Rua das Hortas, 138 - sala 28
Centro

65000 - São Luís . MA
(098) - 221-1175

Escritório de Santa Luzia

Av. Newton Bello, nº 1.032
65390 - Santa Luzia - MA
(098) - 221-1175

REGIONAL NORDESTE

Escritório de Recife
Rua Cedro, nº 52
Casa Amarela

50000 - Recife - PE
(081) 268-3242

Escritório de Garanhuns

Av. Júlio Brasileiro, 1.152-A
Heliópolis

55300 - Garanhuns - PE

Escritório de Fortaleza
Rua Justiniano Serpa, 839
Benfica

60000 - Fortaleza - CE
(085) - 223-4056

REGIONAL SUDESTE/SUL

Escritório do Rio de Janeiro
Rua Senador Dantas, 117 - gr.1.518
Centro

20031 - Rio de Janeiro - RJ

Escritório de Vitória

Rua General Osório, 83 - sala 710
Centro 29000 - Vitória - ES

(027) 223-7436

Escritório de São Paulo

Rua Loefrgen, 1.651 c/6
Vila Clementino - 04040
São Paulo - SP

Escritório de Porto Alegre

Rua Gaspar Martins, 470
90000 - Porto Alegre - RS
(0512) - 25-0787

COMITÊ SANTO DIAS DA SILVA
Rua Francisco Nogueira da Silva, 294
Vila Remo - São Paulo-SP
Fone: 522-56-58 (011) CEP 05864

Sento Dias da Silva
lavrador
Terra Roxa
bóia-fria
Viradouros
brasileiro
católico
operário
metalúrgico
São Paulo
sindicalista
liderança popular
companheiro



FASE

Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

Escritório Nacional: Rua das Palmeiras, 90 – ZC 01

Tel. (021) 286-6797 e 286-6134

22.270 – Rio de Janeiro (RJ)